

Revista da  
Reitoria  
da Universidade  
de Coimbra

Número 32  
Trimestral  
Maio  
2011

[www.uc.pt/rualarga](http://www.uc.pt/rualarga)  
[rualarga@ci.uc.pt](mailto:rualarga@ci.uc.pt)



# RUA LARGA



PROPRIEDADE Universidade de Coimbra  
DIRECTOR João Gabriel Silva  
DIRECTOR-ADJUNTO Clara Almeida Santos  
EDITORES Marta Poiares e Pedro Dias da Silva  
DESIGN E EDIÇÃO DE IMAGEM António Barros  
FOTOGRAFIA João Armando Ribeiro  
INFOGRAFIA Sérgio Brito e Sérgio Temido  
[ DIIC - Divisão de Identidade, Imagem e Comunicação ]  
PRODUÇÃO Lígia Ferreira e Luísa Lopes  
COORDENAÇÃO ADMINISTRATIVA Ilídio Barbosa Pereira  
EDIÇÃO DIIC - Divisão de Identidade, Imagem e Comunicação  
Colégio S. Jerónimo, 2.º Piso, Apartado 3020 • 3001-401 Coimbra  
IMPRESSÃO Gráfica Maiadouro, S.A.  
TIRAGEM 3.200 ex.  
ISSN 1645-765x • Anotado no ICS  
CAPA *No Place Like - 4 houses, 4 films*  
[www.uc.pt/rualarga](http://www.uc.pt/rualarga)  
Tel. 239 859 823  
PONTOS DE VENDA  
Loja UC e Artefólio/ Livraria de Bolso • TAGV

## EDITORIAL

*A missão da Universidade e a crise no país* – João Gabriel Silva • 05

## REITORIA EM MOVIMENTO

*A importância de uma gestão estratégica* – Margarida Mano • 08

## OFICINA DOS SABERES

### ACTUAL

*Um Quarto no Éter. Um ano na Rádio Universidade de Coimbra* – Rita Alcaire e Rodrigo Lacerda • 12

### IMPRESSÕES

*Linha SOS Estudante* – Gonçalo Moura da Costa • 15

*O Instituto de Coimbra e a Universidade* – Licínia Rodrigues Ferreira • 17

*Painéis azulejares da Associação Académica de Coimbra* – Milton Pedro Dias Pacheco • 20

### BREVES

*Prémio Joaquim Ramos de Carvalho atribuído a Paulo Filipe Monteiro* • 24

*UC concede honoris causa a ex-presidente Lula da Silva* • 24

### RIBALTA

*20 anos de jornalismo universitário com A CABRA* – Rafaela Carvalho • 25

*Uma década de Marionet em diálogo com a UC* – Marionet • 28

### CIÊNCIA REFLECTIDA

*Petróleo em Portugal: Águas Profundas... Grandes Expectativas* – Rui Pena dos Reis • 30

## AO LARGO

### ENTREVISTA

*Maria de Sousa* – Marta Poiares e Pedro Dias da Silva • 35

### RETRATO DE CORPO INTEIRO

*José Neto* – Marta Poiares • 40

### CRIAÇÃO LITERÁRIA

*A Casa das Dez Mulheres* – Veríssimo Dias • 44

### LUGAR DOS LIVROS

## ESPAÇO DAS ESCOLAS

*A Rua Larga* – Rui Lobo e Rúben Vilas Boas • 49

## TEMAS

TEMA - XIII SEMANA CULTURAL DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

*Reinventar a Cidade* – Eva Queiroz de Matos e Vasco Batista • 58

*Uma cidade (re)inventada nos palcos* • 60

*A cidade (re)vista* • 64

*A cidade fez-se ouvir* • 70



# A missão da Universidade e a crise no país

João Gabriel Silva \*

Portugal precisa de encontrar um caminho de superação da crise profunda em que se encontra.

Nessa busca, tão necessária como urgente, temos de efectuar escolhas essenciais: somos, nomeadamente, chamados a reflectir sobre o nosso modelo de desenvolvimento económico. O passado conhecemo-lo: foi uma economia baseada em mão-de-obra barata que nos trouxe até à entrada na União Europeia e nos manteve saudáveis ainda alguns anos depois disso. Mas só o reforço dos sectores baseados em inovação e conhecimento será capaz de gerar a riqueza necessária para mantermos um nível de vida próximo da média europeia.

Para o modelo baseado predominantemente em mão-de-obra barata se tornar competitivo, os termos de comparação salariais são tais que implicariam cortes de vencimentos inaceitáveis num país europeu.

Por outro lado, o modelo baseado em inovação e conhecimento, que todos desejam no plano teórico, não se afigura fácil, porque só se concretizará com muito trabalho, determinação e discernimento organizacional. Nestas circunstâncias existe o risco real de não nos aproximarmos suficientemente dele, mantendo-nos um país essencialmente importador no que se refere aos bens de alto valor acrescentado. Continuaremos assim incapazes de gerar receita suficiente e, portanto, dependentes de continuadas ajudas caridosas da restante Europa que, em troca, irá progressivamente reduzindo a nossa soberania a quase nada, e a nossa voz nas decisões europeias a um mero sussurro. Se assim for o nosso destino será, cada vez mais, a ocupação humilhante da chamada “cauda da Europa”, mesmo se tivermos em conta os países de Leste, recém-chegados à União.

Para a concretização do modelo baseado na inovação é decisivo o contributo das Universidades, a quem o país confiou a tarefa de desenvolver o conhecimento mais avançado. Se, nesta hora decisiva, a Universidade de Coimbra souber situar-se à altura deste desígnio nacional, no cumprimento daquela que é, de resto, a sua missão estatutária de contribuir para a “consolidação da soberania assente no conhecimento”, estou absolutamente certo de que o país saberá retribuir, disponibilizando-nos os recursos necessários à nossa própria afirmação global.

É nas horas difíceis que as qualidades das instituições mais sobressaem. A circunstância penalizadora de termos de encontrar forma de suprir dificuldades financeiras, para o ano corrente, que se elevam a cinco milhões de euros, não pode servir de desculpa para nos alhearmos deste desafio colectivo que nos interpela. Até porque, para além de constituir um imperativo nacional, o envolvimento directo nesse desafio poderá colocar-nos em melhor posição para fazer valer os nossos argumentos junto do poder político e junto da comunidade em geral.

\* Reitor da Universidade de Coimbra

# Reitoria em Movimento





# A importância de uma gestão estratégica

Margarida Mano \*

Portugal, a Europa e o Mundo atravessam tempos de fortes e rápidas mudanças, onde frequentemente as organizações demasiado concentradas na gestão imediata de modelos datados tendem a subestimar a perecibilidade dos mesmos. Constitui por isso hoje um desafio essencial para as lideranças a obtenção de um equilíbrio virtuoso entre as forças de preservação (dominantes na gestão do presente), as forças de destruição (características dos necessários cortes selectivos com o passado) e as forças de criação que preparam o futuro nas organizações.

A dinâmica das tendências ambientais impõe naturalmente novas exigências às universidades: mais e melhores serviços num quadro de menores fontes de financiamento; crescente nível de interdependência entre a dimensão nacional e internacional, entre o domínio público e o privado e entre as opções económicas e educativas; incorporação nos novos espaços europeus de ensino e investigação; avaliação e gestão da qualidade; maior transparência e controlo orçamental; processos de acreditação; novas exigências sociais de formação; maior procura de investigação aplicada; resposta adequada à crescente competitividade decorrente de uma concorrência local e global entre instituições de ensino superior.

Num contexto de maior complexidade e ambiguidade do meio envolvente e de forte pressão competitiva e mediática, é exigido à universidade, instituição secular de referência, que pense e actue estrategicamente, isto é, que escolha e percorra caminhos que evidenciem, em simultâneo, a sua capacidade de adaptação ao meio envolvente e a

afirmação do seu papel de bem público na sociedade. Dificilmente poderá a universidade aperceber-se das necessidades dos seus estudantes, dos seus docentes e investigadores, do seu pessoal não docente e de outras partes interessadas, sem contar com o seu valioso contributo. Do mesmo modo parecerá também difícil que apenas contando com o pensamento interno se possa aperceber das alterações que vão ocorrendo na envolvente exterior e que terão sobre si fortes impactos positivos ou negativos.

Para a universidade, a gestão estratégica representa em si uma procura de equilíbrio entre a ruptura criativa, proporcionada pelo “pensamento estratégico”; o alinhamento institucional de recursos e objectivos, assegurado pelo “planeamento estratégico” e a concretização das escolhas na “acção estratégica”. Mais do que uma exigência estatutária ou uma boa prática, o planeamento é uma aproximação estruturada de antecipação do futuro, uma oportunidade de mapear o caminho da universidade em função de uma visão e deve ser concebido de forma a tornar realidade essa visão.

Neste início de mandato de um novo Reitor, a Universidade de Coimbra (UC) parte para a construção de um processo de planeamento estratégico, com 720 anos de história, uma marca de prestígio e um conjunto de ambições, com que pretende responder aos desafios das mudanças que marcam o momento.

Com uma estratégia de diferenciação, assente na



vantagem competitiva da qualidade, transversal às suas missões de ensino, investigação e transferência de conhecimento, mas também às pessoas e aos recursos, tangíveis e intangíveis, que lhe dão forma, a UC tem como Visão a ambição de se afirmar como a universidade portuguesa de maior qualidade.

O processo de planeamento estratégico, já iniciado, deverá permitir estabelecer as principais linhas de orientação em que assentaremos a nossa estratégia, bem como as acções e critérios de avaliação, que facilitem o alinhamento dos nossos recursos, de modo a satisfazer as necessidades e corresponder às expectativas de todos aqueles a quem pretendemos servir e que serão afectados pelas nossas escolhas. Acreditamos que os benefícios do planeamento estratégico serão efectivos, pois:

- o processo de planeamento exigirá que se preste uma grande atenção às tendências de desenvolvimento externo, levando a Universidade a ficar mais defendida de poder vir a ser surpreendida por novos problemas ou desenvolvimentos, permitindo-lhe ser proactiva perante o seu futuro;
- serão envolvidas todas as faculdades e unidades orgânicas, os estudantes e antigos alunos, os docentes e investigadores e o pessoal não docente, garantindo que cada grupo possa contribuir com uma perspectiva única para o processo. Este envolvimento permitirá que todos aqueles que têm maiores responsabilidades na sua implementação conheçam o plano e as razões que lhe estão subjacentes, facilitando a partilha nos objectivos da Universidade e o aumento do sentimento de pertença;
- todos aqueles que serão afectados pelas decisões da Universidade serão envolvidos no processo de planeamento e a Universidade receberá as suas preciosas indicações quanto às áreas onde se tem obtido resultados positivos e sobre aquelas em que são necessárias melhorias;
- o envolvimento de todos os grupos de interesse externo poderá levar ao seu apoio contínuo e à sua participação na construção do futuro da Universidade de Coimbra;

- envolvendo todos os níveis de gestão da Universidade no processo de planeamento isto permitirá que se mantenha o seu propósito estratégico, mesmo em períodos de mudança de liderança, contribuindo para uma maior estabilidade governativa.

O processo de planeamento irá exigir tempo, muito esforço e alguns recursos. Será desenvolvido a três níveis: o da estratégia da Universidade (já iniciado e que deverá ser apresentado pelo Reitor ao Conselho Geral no último trimestre deste ano); o das Faculdades e outras Unidades Orgânicas a iniciar na fase seguinte e, finalmente, o da estratégia funcional da organização das sub-unidades orgânicas. Trata-se de um processo aberto, transparente e participativo, orientado pela ideia de conseguir a máxima qualidade do nosso ensino, investigação, valorização e transferência de conhecimento.

Neste contexto, estão a ser e serão desenvolvidas, nos próximos meses, um conjunto de iniciativas que visam sensibilizar toda a comunidade universitária para o contexto de mudança, promover uma profunda reflexão e um amplo debate sobre os desafios com que nos defrontamos no presente e no futuro, e implicar todas as partes interessadas na procura de ideias e de caminhos a trilhar nos próximos anos. Pretende-se neste processo, com os mesmos olhos de Uns e Outros, iniciar um ciclo contínuo, que deverá estar permanentemente aberto à incorporação de factores emergentes.

### **Visão**

Afirmar-se como instituição de referência, sendo conhecida como universidade portuguesa de maior qualidade.

### **Missão**

“1. A Universidade de Coimbra é uma instituição de criação, análise crítica, transmissão e difusão de cultura, de ciência e de tecnologia que, através da investigação, do ensino e da prestação de serviços à comunidade, contribui para o desenvolvimento económico e social, para a defesa do ambiente, para a promoção da justiça social e da cidadania

esclarecida e responsável e para a consolidação da soberania assente no conhecimento.

2. A Universidade tem o dever de contribuir para:

- a) A compreensão pública das humanidades, das artes, da ciência e da tecnologia, promovendo e organizando acções de apoio à difusão da cultura humanística, artística, científica e tecnológica, disponibilizando os recursos necessários a esses fins;
- b) O desenvolvimento de actividades de ligação à sociedade, designadamente de difusão e transferência de conhecimento, assim como de valorização económica do conhecimento científico;
- c) A promoção da mobilidade efectiva de docentes e investigadores, estudantes e diplomados, tanto a nível nacional como internacional, designadamente no espaço europeu de Ensino Superior e no espaço da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa.”

*Estatutos da Universidade de Coimbra, Artigo 2.º, Missão*

### **Valores**

Abertura ao Mundo • Cooperação • Interacção de Culturas • Independência • Tolerância • Diálogo • Tradição • Contemporaneidade • Inovação • Valorização das Pessoas • Rigor Intelectual • Liberdade de Opinião • Ética • Humildade Científica • Estímulo à Criatividade • Reconhecimento e Promoção do Mérito

*Estatutos da Universidade de Coimbra, Artigo 4.º, Matriz Identitária*

Bryson, J. (1988). *Strategic planning for public and nonprofit organizations*. San Francisco: Jossey-Bass, Inc.

Govindarajan, V. and Trimble, C. (2010), *The Other Side of Innovation – Solving the Execution Challenge*, Harvard Business Review Press

McConkey, D. (1981). *Strategic planning in nonprofit organizations*. Business Quarterly (School of Business, University of Western Ontario). 46(2), 24-33.

Taylor, J.; Machado, L. & Peterson, M. (2008). *Leadership and Strategic Management: keys to institutional priorities and planning*. European journal of Education, vol 43, nº3, 359-386

\* Vice-Reitora da Universidade de Coimbra



OFICINA DOS  
SABERES

ACTUAL  
IMPRESSÕES  
BREVES  
RIBALTA  
CIÊNCIA REFLECTIDA

Documentário celebra 25 anos da RUC

# *Um Quarto no Éter. Um ano na Rádio Universidade de Coimbra*

Rita Alcaire e Rodrigo Lacerda \*

Havia um homem nu na parede da nossa escola. Ou melhor, um cartaz de um tronco nu masculino com um microfone erecto entre as pernas. Numa das paredes laterais da Escola Secundária José Falcão, em Coimbra, a imagem pintada do emblemático cartaz “Sempre no Ar!” da Rádio Universidade de Coimbra (RUC) fazia frente a quem por ali passava e aguçava a curiosidade daqueles que nunca haviam escutado a emissão em 107.9 FM.

A esta memória juntam-se muitas outras: a primeira audição de *Suds n’ Soda* dos dEUS, John Zorn com Mike Patton em palco no Teatro Académico de Gil Vicente, os apertões na Queima das Fitas em frente ao *palco RUC*, saber que “é meio-dia e já não há arroz de pato na cantina”, entre tantas, tantas outras...

Poder partilhar dessa experiência do que era (e é) a RUC e vir a saber, anos mais tarde, da intenção de promover várias actividades a propósito da celebração do seu vigésimo quinto aniversário, entre elas fazer um registo em vídeo, parecia ser a soma perfeita. A vontade de conhecer melhor a RUC vinha de há muito. As condições para o fazer de forma profunda estavam agora reunidas. A equação tornava-se tanto mais interessante quando se introduzia um outro factor: nenhum de nós tinha uma relação com a Rádio a não ser a de ouvinte e de ocasional vencedor de passatempos... Sem dúvida uma relação privilegiada

que permitia não só uma aprendizagem e um profundo sentimento de partilha, mas também uma forte identificação com um determinado espírito e irreverência que sempre foram associados à RUC.

Assim, num misto entre a frieza de uma visão de fora e uma curiosidade de criança que queria descobrir como funciona a magia daquela rádio, apresentámos à sua administração uma proposta para a realização de um documentário.

O primeiro evento em que participámos foi um convívio de Verão realizado no Observatório Astronómico de Coimbra, onde aliás se encontra localizado o emissor da Rádio Universidade. Intitulado *Fête du Emigrant*, este encontro de sócios e amigos da rádio permitiu-nos conhecer actuais e antigos colaboradores com quem fomos desenvolvendo um processo contínuo de troca de informação e, a partir dos seus percursos pessoais dentro deste colectivo, desenhando as linhas guias do documentário que agora se dá a conhecer como *Um Quarto no Éter*.

Na mesma altura em que mergulhávamos num imenso mundo de informação, iniciámos também um plano de divulgação do projecto para que a mensagem chegasse ao maior número de pessoas possível. O material que íamos filmando deu origem a vários vídeos, disponibilizados na página do documentário no Facebook, que ser-

viram de aperitivo ao que, a pouco e pouco, se estava a construir. Participámos em programas da Rádio em que demos conta da existência do projecto, de formas de colaborar e de como estava a desenvolver-se o processo de produção, entre muitas outras acções.

Paralelamente, tornámo-nos parte da mobília e acompanhámos durante mais de um ano a vida da Rádio Universidade – registando a emissão regular e as emissões especiais, a cobertura dos jogos da Académica com os seus famosos e inigualáveis relatos, os concertos, a rádio-escola em todas as suas vertentes, nomeadamente marcando presença nas aulas dos cursos dos diferentes departamentos, os momentos de lazer, de convívio e amizade – e concluímos o processo de produção com mais de 100 horas de filmagens.

Diz o ditado que “as conversas são como as cerejas” e que quando se puxa uma, vem logo outra atrás. E foi assim que, conversa puxa conversa, foram realizadas quase 50 entrevistas com *RUCianos* de diferentes épocas e de diferentes sectores, em que o percurso pessoal de cada um dos nossos interlocutores serviu de guião para conhecer melhor a história, as dificuldades, os triunfos e o quotidiano de uma rádio composta exclusivamente por amadores.

Apesar da sua história colorida, o que mais nos cativou foi o modo como esta rádio se mantém viva, renovando-se todos os anos através da rádio-escola e transmitindo o “espírito RUC” às novas gerações. Desde o início do trabalho, ficou bem claro que toda a realidade que envolve a RUC é feita de muitas RUCs, quase tantas como as pessoas que conhecemos, ou, arriscamos dizer, muitas mais. Esta aprendizagem intensa e extensa levou-nos a concluir que o cerne desta rádio se encontra no trabalho inovador e sério que os seus colaboradores realizam todos os dias e que, de certo modo, é repetido anualmente. A forma como a Direcção de Programação coordena e

estimula os colaboradores a dar corpo à emissão, a preparação de várias emissões especiais pelo Departamento de Técnica, o empenho do Departamento de Informação para desempenhar não só o seu papel de rádio da Universidade mas também o de única rádio verdadeiramente de Coimbra e da região centro.

E daí a opção final de documentar o ciclo anual de actividade deste colectivo e o seu incansável trabalho de equipa – da formação de novos colaboradores às emissões especiais, da preparação dos programas diários à criação de conteúdos de novas grelhas, e do acompanhamento da vida da academia ao da cidade.

E agora que *Um Quarto no Éter* se torna público, é justo dizer que no ano em que comemora o vigésimo quinto aniversário, a Rádio Universidade de Coimbra assinala a efeméride evidenciando um dos mais admiráveis processos de evolução neste género de instituições. Estamos certos que o documentário, ao centrar o seu olhar no quotidiano de um ano de actividade e que, de certo modo, é repetida anualmente, também enaltece a visão e o espírito de iniciativa de quem decidiu organizar em Coimbra uma emissora de Rádio com uma forte componente experimental e criativa.

Também parece indiscutível, reforçando o que já foi dito, que esse ciclo de crescimento está intimamente ligado à constante formação de novos colaboradores, sendo a RUC uma das mais importantes rádios-escola a nível nacional.

Sabemos que este documentário vai mostrar uma Rádio Universidade de Coimbra desconhecida da grande maioria dos ouvintes – como um universo vasto e único a nível nacional pela sua originalidade, experimentação, humor, interesse em promover música desconhecida e/ou ignorada, promoção de eventos, formação de novos radielistas e comunicadores e aposta na informação local e regional. Mas a RUC é ainda mais do que

isto. Rádio Universidade de Coimbra é sinónimo de trabalho diário, de criatividade e de diferença, sendo principalmente de destacar o seu papel insubstituível como escola de formação e de experimentação, agente cultural e laboratório. Tudo isto é realizado, diariamente, por voluntários, que não auferem qualquer rendimento pecuniário mas que ganham uma escola para a vida. Tendo em conta isto, todo o trabalho envolvido em manter o seu funcionamento constante só

é possível devido a uma verdadeira paixão pela radiodifusão e pela música, uma amizade e uma camaradagem existentes entre os seus sócios e o humor e a originalidade de uma geração jovem e acutilante.

Trata-se, sem dúvida, de um exemplo que interessa divulgar e promover.

\* Realizadores do documentário *Um Quarto no Éter*



Há 13 anos a ouvir as inquietações dos estudantes

# Linha SOS-Estudante

Gonçalo Moura da Costa \*

“Linha SOS-Estudante, Boa Noite”. É assim há 13 anos. Todos os dias, entre as 20h00 e a 01h00 (excepto férias escolares), estamos disponíveis para todos aqueles que necessitam de um apoio, de espaço para um grito, um desabafo, um silêncio.

A Linha SOS-Estudante nasceu das inquietações de uma estudante – Manuela Quintaneiro – que delas fez eco a Zita Henriques (na altura Presidente da Associação Académica de Coimbra), Agar Correia, Ana Rita Lopes e, por fim, ao seu fundador Paulo David Carvalho. Falar da *Linha* é falar de todas estas pessoas. Sem eles nada teria sido possível.

Somos uma Secção Cultural da Associação Académica de Coimbra (AAC) e nascemos no dia 17 de Abril de 1997. Após várias viagens ao estrangeiro (Londres e Nova Iorque) onde tivemos o primeiro contacto com linhas de apoio emocional – os Samaritans ingleses e o Telefone da Amizade, linha nacional mais antiga de prevenção ao suicídio –, iniciámos o processo de selecção de voluntários e a primeira formação da *Linha*. Estávamos preparados para iniciar a nossa nobre missão e estabelecemos, então, contacto com a Portugal Telecom, que nos concedeu o número 808.200.204, sem pagamento durante os primeiros três anos. Em todo o processo de formação, tivemos o grande apoio da Reitoria da Universidade de Coimbra (UC), que nos cedeu gratuitamente o espaço de atendimento telefónico (algures nesta cidade de Coimbra) e o grande

apoio dos Serviços de Acção Social da UC. Ainda nos primeiros passos da Linha SOS-Estudante, fomos apoiados pelo Instituto de Medicina Legal de Coimbra, e tivemos o Alto Patrocínio da Presidência da República, durante o mandato de Jorge Sampaio, sem nunca descurar o sempre importante apoio da AAC.

Olhar para a cidade, para a sua comunidade estudantil, para a Academia e ver em todos estes cenários a folia, a alegria, o convívio, o companheirismo é a visão mais fácil e simples. No entanto, quando vamos mais além, quando conseguimos perfurar no meio de tanto barulho, encontramos um outro cenário, onde o silêncio existe e a solidão acompanha os momentos de tristeza, de angústia, de desesperança. É neste outro cenário que a Linha SOS-Estudante faz sentido.

Estudantes voluntários anónimos dão o seu tempo, para escutar atentamente cada palavra, cada ruído, cada silêncio, cada história que se complexifica na enorme solidão de quem se verbaliza, de quem as vive, de quem as dói. Outros estudantes – não anónimos e que não fazem atendimento – fazem parte da direcção da *Linha*, lutam todos os dias para manter este projecto, unem esforços para que o telefone nunca pare de tocar e para que do outro lado exista sempre alguém capaz de acolher cada chamada. No início escutávamos maioritariamente pessoas do sexo masculino, estudantes de Coimbra. O tema principal das chamadas era a solidão e a sexualidade. Actualmente e devido ao grande



trabalho na divulgação da linha a nível nacional e à criação de mais um número de atendimento (969.554.545), escutamos pessoas de ambos os sexos (nos últimos meses, a maioria é do sexo feminino), com idades compreendidas entre os 35 e os 50 anos, residentes fora de Coimbra, sendo o tema principal das chamadas a solidão, a sexualidade e os conflitos interiores.

Chegamos a estes 13 anos de existência e interrogamo-nos: “Será que em Coimbra, na sua comunidade estudantil não existem pessoas a necessitar de um apoio?”. Achamos que sim. Por isso, desenvolvemos esforços para, de novo, fazer chegar a *Linha* aos estudantes, fazê-la chegar àqueles para quem foi criada. É objectivo primordial deste projecto fazer campanha publicitária na cidade, chegar a cada pessoa que necessite de um espaço onde possa ser escutada.

Este novo século traz consigo novos desafios. A pressa com que todos andamos, a superficialidade das relações e a quase incapacidade de estarmos juntos, deixam campo para que a solidão faça mais eco. Conscientes desses desafios, continuamos a existir com a mesma força de há 13 anos, com a mesma dedicação, o mesmo entusiasmo, para que não exista uma única pessoa que fique sem ser apoiada.

Mas a Linha SOS-Estudante existe para além do telefone. Prova disso são os colóquios por nós

organizados, subordinados aos temas da solidão, do suicídio e da sexualidade. Participamos na Semana Cultural da UC. Organizamos cafés-tertúlias e outros encontros de reflexão e partilha. Estamos presentes – para divulgação – na Festa das Latas e Imposição das Insígnias, assim como na Festa da Queima das Fitas; damos as boas-vindas aos caloiros de Coimbra, estando presentes na Semana da Recepção ao Caloiro; participamos em feiras da saúde ou mostra das secções da AAC.

Todos os anos, em Outubro/Novembro e Março/Abril, saímos para a rua e lançamos a nossa campanha de recrutamento de novos voluntários. Esta é uma altura importante da *Linha*, onde buscamos a continuidade do projecto: divulgamos pela cidade, pelas faculdades e núcleos; fazemos sessões de esclarecimento; recrutamos estudantes com espírito de missão, com capacidade de escuta, com um grande espírito social e humano; recrutamos, acima de tudo, estudantes que aceitem o desafio de serem as novas vozes da Linha SOS-Estudante.

Agora, passados 13 anos, continuamos a escutar as inquietações dos estudantes que nos fazem olhar a cidade de outra forma e, a cada toque, atendemos com a mesma voz: “Linha SOS-Estudante, Boa Noite”.

\* Vice-Presidente da Linha SOS-Estudante



# O Instituto de Coimbra e a Universidade

Licinia Rodrigues Ferreira \*

A Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (UC) desenvolve, desde 2008, um projecto de recuperação da memória do Instituto de Coimbra. Tendo-se extinguido gradualmente no final do século passado, esta academia científica e literária foi, no entanto, desde 1852, um organismo influente na evolução da Universidade, trabalhando a par desta para o progresso dos conhecimentos. A disposição do artigo 17º dos seus últimos estatutos publicados, em 1967, previa que o património da academia, em caso de dissolução, fosse integrado no património da UC. Por esse motivo, o fundo documental do Instituto de Coimbra foi, em 2006, incorporado nas colecções da Biblioteca Geral. Com o apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), que financia duas bolsas de gestão de ciência e tecnologia e uma bolsa de investigação, o Projecto Instituto de Coimbra tem por missão realizar o tratamento da documentação e traçar a história da academia. Um dos seus principais legados é a revista *O Instituto*, à qual o Projecto reconheceu a devida importância e a necessidade de a tornar facilmente acessível, procedendo à digitalização da totalidade dos 141 volumes e dotando-a, além disso, de um sistema de pesquisa em texto integral. Esta edição digital encontra-se disponível na página da internet da Biblioteca Geral ([www.uc.pt/bguc/BibliotecaGeral/InstitutoCoimbra/Projecto/](http://www.uc.pt/bguc/BibliotecaGeral/InstitutoCoimbra/Projecto/)). Os cerca de quatro mil títulos de artigos que a revista integra serão também recuperáveis a partir do catálogo das bibliotecas da UC.

O espólio compõe-se do que ficou preservado do Arquivo do Instituto, nomeadamente, actas de sessões da Assembleia Geral, das Classes e da Direcção, correspondência, contabilidade, formulários e outros documentos de ordem diversa. Quanto ao património bibliográfico, a sua nota distintiva é o elevado número de títulos de periódicos, nacionais e estrangeiros, obtidos em grande parte pela permuta com a revista *O Instituto*. Porém, a componente monográfica é igualmente de extrema importância, facto que os membros do Projecto Instituto de Coimbra têm vindo a comprovar pela introdução de uma relevante percentagem de registos novos na base comum das bibliotecas da Universidade e pela procura crescente por parte dos leitores. Por outras palavras, a colecção do Instituto de Coimbra revela-se única, pelas condições específicas da sua construção, inerentes ao funcionamento de uma academia, e essa especificidade tem-se manifestado cara aos utilizadores das bibliotecas da Universidade.

A integração do património do Instituto na UC é já bem significativa da relação estreita que um e outra mantiveram. Nasceu no seio de uma associação de teatro universitário, a Academia Dramática, em resultado de uma cisão interna, pela qual um grupo de sócios decidiu juntar-se em agremiação independente. Adoptaram então uma orientação mais alargada, acrescentando à vocação artística e literária um pendor fortemente científico, que, com efeito, responderia melhor

às preocupações destes estudiosos. Desde logo se aliaram à Universidade em termos de instalações, pois se mantiveram sediados em edifícios afectos à cidade universitária (Colégios de São Paulo Apóstolo e Eremita, Arco do Bispo, Colégio de São Bento e Rua da Ilha). Em matéria de financiamento, porém, dispunham de meios próprios, provenientes, na sua maior parte, das quotas dos sócios e das assinaturas da revista *O Instituto*, para além de subsídios do Estado.

As figuras de maior destaque do meio universitário constituíam a componente principal de sócios do Instituto, os efectivos, na medida em que assumiam um papel mais activo nos trabalhos da corporação. Os órgãos directivos e a presidência do Instituto foram ocupados por nomes respeitados da Universidade (e alguns mesmo na cena política nacional), que em certos casos chegaram a pertencer aos seus cargos superiores (Filomeno da Câmara Melo Cabral, António Augusto da Costa Simões, Bernardino Machado, Júlio Augusto Henriques, Francisco Miranda da Costa Lobo, etc.).

A dimensão científica desta ligação entre a Universidade e o Instituto de Coimbra, com tudo o que nela está envolvido, ergue-se como o produto mais perene desta cooperação. Neste aspecto, dois veículos principais testemunharam a estreita união: a revista *O Instituto* e os encontros científicos. Ao longo dos 130 anos de publicação (1852-1981), *O Instituto* foi lugar privilegiado de divulgação da produção científica da UC – para além de trabalhos por sócios nacionais e estrangeiros, pertencentes a outras instituições. Esse fenómeno foi particularmente relevante nos primeiros 50 anos da revista, que coincidiram com uma época em que a Universidade dispunha de escassas publicações desta natureza. Assim, encontramos n' *O Instituto* artigos resultantes de investigações realizadas por docentes universitários, em muitas áreas, relatórios de visitas desses docentes a estabelecimentos no exterior, e textos

referentes às relações da Universidade com outros estabelecimentos de ensino. Durante alguns anos, *O Instituto* publicou também dados estatísticos e programas de cadeiras das diferentes Faculdades, bem como outras notícias relativas ao governo da Universidade, sendo ainda portadora esta revista de testemunhos das propostas de reforma dos estudos apresentadas no período anterior à República.

No que se refere a encontros científicos, verificamos uma constante colaboração da UC na realização de conferências e de comemorações promovidas pelo Instituto. Partindo quer da Universidade quer do Instituto o convite aos conferencistas, as duas entidades associavam-se para receber personalidades nacionais e estrangeiras, beneficiando ambas da colaboração. O Instituto conseguiu deste modo juntar alguns nomes importantes à sua lista de sócios, que enviavam à sociedade as suas obras, e, por outro lado, em conjugação com a Universidade pôde mais facilmente estabelecer um intenso intercâmbio com outras sociedades científicas e literárias.

A dimensão relacional do Instituto, com a Universidade e com outros organismos, será decerto contemplada num estudo maior que o Projecto pretende avançar, na sua componente de investigação da história desta academia. No final, poder-se-á compreender melhor a importância do Instituto de Coimbra em particular, e das academias em geral, na evolução da ciência em Portugal. De certa forma, este Projecto vem reunir-se a outros projectos de História da Ciência que a Universidade está a promover. Julgamos que a Biblioteca Geral e o Projecto Instituto de Coimbra dão, assim, continuidade aos esforços do Instituto, divulgando à comunidade universitária e colocando à sua disposição uma herança fecunda construída ao longo de 150 anos de actividade.

\* Bolseira de Investigação do Projecto Instituto de Coimbra da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra



# Reminiscências de monumentos históricos citadinos nos painéis de azulejos da AAC

Milton Pedro Dias Pacheco \*

Durante uma das muitas incursões realizadas à Associação Académica de Coimbra (AAC), na fase inicial de instalação do Gabinete de Candidatura à UNESCO, resolvemos focar a nossa atenção no moderno conjunto de painéis azulejares dedicado à evolução do traje académico. Primeiro, identificámos um edifício, depois reconhecemos um outro, e no final de uma atenta leitura iconográfica sobre os restantes, concluímos que o artista havia recorrido a alguns dos monumentos históricos mais emblemáticos de Coimbra para construir os cenários das representações presentes.

Numa participação conjunta com Alberto José Pessoa no delineamento do plano arquitectónico da AAC, na efectivação do programa da Cidade Universitária de Coimbra, entre 1957-59, João Abel Manta acabaria por ser o artista plástico responsável pela execução dos dois conjuntos de painéis azulejares alegóricos para ornamentação das fachadas exteriores, muito embora o ministro das Obras Públicas, Arantes e Oliveira, tenha manifestado o desejo de requisitar os serviços de Jorge Barradas para um dos trabalhos. Projectados como elementos integrantes da própria arquitectura, um foi dedicado às actividades culturais desenvolvidas na Academia, e um segundo, inicialmente reservado para as modalidades desportivas, acabaria por expor a indumentária dos escolares.

A série do traje académico tem representado em cada painel dois estudantes trajados, em destacado primeiro plano, no flanco direito, e um casal com o vestuário civil, introduzido em plano secundário, como que figurante, junto de um cenário arquitectural, no lado esquerdo. Para os respectivos períodos evocados foram representados, de forma estática e num ângulo frontal, os pórticos e os arcos de sete edifícios citadinos para enquadrar historicamente, embora sem um total rigor cronológico fidedigno para cada uma das cenas, os sete séculos correspondentes à evolução, algo imaginária, da indumentária utilizada pelos estudantes da mais antiga Academia do país.

Abel Manta, arquitecto de formação e pintor por paixão, manifesta aqui a utilização de uma linguagem simplificada, com ausência de movimento e cor, imbuída de um forte traço classicista, nitidamente apropriado à composição das cenas da evolução do vestuário académico e que a própria encomenda artística teria determinado. Pela simplicidade e clareza conceptual, o esboço foi aprovado pela Junta Nacional da Educação, em Outubro de 1960, e o conjunto cerâmico, após a deliberação do Conselho Superior das Obras Públicas, foi integrado no espaço mural da secção do “Teatro e Ensaios”, em Maio de 1961.

Avaliados em 175.000\$, os sete painéis foram executados nas oficinas da Fábrica da Viúva Lamego e possuem 110 peças cerâmicas, com uma área expositiva de 4,15 x 4,60m<sup>2</sup> cada um.

Iniciada a leitura, da esquerda para a direita, a partir do Teatro Académico de Gil Vicente, temos no painel I, correspondente ao vestuário do século XIV e evocando assim a transferência do *Studium Generale* de Lisboa para Coimbra em 1308, o portal da Catedral de Santa Maria, obra românica erguida no século XII.

No mural seguinte, dedicado ao vestuário do século XV, o artista recorreu, num caso único em toda a encomenda realizada, a uma estrutura interna de um edifício, o pórtico da capela de Vasco de Freitas na Igreja de São Tiago, testemunho material dos cânones artísticos do Gótico Flamejante.

Para a caracterização cenográfica dos trajes da centúria de Quinhentos, a que associamos de imediato o ano de 1537 – data em que a instituição universitária é definitivamente estabelecida em Coimbra –, a selecção recaiu sobre o portal manuelino do Paço de Sub-Ripas.

O monumento eleito para o painel IV [Fig. 1] foi um dos frontispícios da Porta Férrea, o principal acesso ao Paço das Escolas, uma obra edificada, entre 1633 e 1634, segundo os modelos arquitectónicos do Maneirismo. Curiosamente, este constitui o arquétipo mais simbólico associado às singulares manifestações da praxe, e à sua própria indumentária, uma vez que é o espaço predilecto para muitos estudantes realizarem o rasgão, ritual que assinala o fim do percurso académico com o desnudar do recém-licenciado.

De seguida, depara-se com a reprodução do portal do Colégio de São Tomás de Aquino destinado a servir de cenário aos estudantes do século XVIII. Edificado, em 1547, na fachada principal do colégio dominicano, na Rua da Sofia, este portal acabaria por ser reedificado, em 1935, no seguimento da instalação do Palácio da Justiça,

no flanco norte do Museu Nacional de Machado de Castro.

O painel VI ostenta o pórtico da célebre Biblioteca Joanina. A Casa da Livraria da Universidade, jóia do Barroco português patrocinada sob o protectorado de D. João V, pretende assim fazer o enquadramento cénico para a indumentária de Oitocentos.

Por último, o sétimo painel apresenta, como pormenor da paisagem urbana conimbricense aos estudantes que trajam os actuais modelos de capa e batina, o portal principal do Jardim Botânico. Reveladora da adopção dos arquétipos neoclássicos, coevos da Reforma Pombalina, esta estrutura, concluída já na primeira metade do século XIX, mostra, no entanto, ligeiras adulterações ao desenho original, pois o portão de ferro não reproduz o brasão de armas reais de D. Maria II, e nem a cartela com a data de 1844, mas os ornamentos geometrizarantes superiores de um dos portões laterais.

Neste sentido, detectou-se ainda a existência de alguns anacronismos em quatro dos sete painéis, relativos a monumentos cronologicamente desfasados dos períodos que pretendem retratar o traje académico na sua respectiva época, tais como: o pórtico românico da Sé Velha para a época de Trezentos; o portal renascentista do colégio dominicano para a centúria de Setecentos; o da Biblioteca Joanina para o século XIX e o portão neoclássico do Jardim Botânico para o XX.

O facto de não serem conhecidos os cartões primários ou os estudos prévios, torna difícil compreender a escolha do tema e os critérios presentes na selecção dos edifícios, embora se saiba através da documentação existente (AUC, *CAPOCUC: Instalações Académicas. Obras de Arte*, Proc. 508), que um arquitecto-vogal da Comissão Administrativa do Plano de Obras da Cidade Universitária de Coimbra ficara incumbido de reunir os elementos necessários para a execução do trabalho. Julgamos que a selecção deste

tema esteja relacionada com a proximidade do teatro académico, justificando assim a presença dos *figurantes* em segundo plano (cujos modelos viriam a ser reutilizados por Manta na série de selos dedicados a Gil Vicente em 1965), devendo as alegorias às actividades desportivas enobrecerem o complexo do estádio universitário.

Mas se é possível distanciar estilisticamente este de outros trabalhos seus, nomeadamente os cerâmicos de arte pública executados na década de 1950, no Restaurante do Hotel da Avenida do Infante Santo (1952), na Escola Primária do Alto dos Moinhos (1955), ou o outro painel da AAC (1958) [Fig. 2], encontramos nítidas influências da utilização dos cenários arquitectónicos (utili-

zados em tantas das suas obras) e da disposição das figuras duplas nas ilustrações da *Carta de Guia de Casados* (1955), de D. Francisco Manuel de Melo.

Com a classificação do complexo académico como Imóvel de Interesse Público, em 28 de Janeiro de 2008, e a sua eventual inclusão na lista Património Mundial da UNESCO, espera-se que fique salvaguardada uma das obras plásticas realizadas em Coimbra por um dos grandes vultos da arte contemporânea portuguesa do século XX, cujo actual estado de conservação clama por atenção.

\* Mestre em História de Arte pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra



FIG. 2



FIG. 1

# Breves

## **UC concede *honoris causa* a ex-presidente Lula da Silva**

O ex-presidente do Brasil Luiz Inácio Lula da Silva foi distinguido com o grau de doutor *honoris causa* pela Universidade de Coimbra (UC). A cerimónia, que decorreu no dia 30 de Março, teve como apresentante Fernando Seabra Santos, antigo reitor da UC, com os elogios do candidato e do apresentante da responsabilidade, respectivamente, de Joaquim Gomes Canotilho e Jorge Coutinho de Abreu, docentes da Faculdade de Direito, instituição responsável pela proposta de atribuição da distinção ao antigo estadista.

Figura de dimensão internacional, segundo declarou Helena Freitas, vice-reitora da UC responsável pelo pelouro das Relações Institucionais, à agência Lusa, “fez imenso pela projecção do Brasil e também pela projecção da língua e da cultura portuguesas”. De igual forma, como foi ainda salientado em comunicado, a UC pretendeu “marcar um momento de grande importância nas relações entre os dois países, unidos pela mesma cultura geral e, em particular, pela mesma cultural jurídica”.

Convidado a receber a distinção quando ainda era presidente, o antigo operário metalúrgico, que dirigiu os destinos da maior nação sul-americana entre 2003 e 2010, decidiu aceitá-la só depois de abandonar o cargo. No decurso da cerimónia o homenageado afirmou tratar-se de “uma homenagem ao povo brasileiro, que nos últimos oito anos realizou, de modo pacífico e democrático, uma verdadeira revolução económica e social”.

Além de Lula da Silva, também Fernando Henrique Cardoso, seu antecessor no cargo, assim com os antigos presidentes João Café Filho, Juscelino Kubitschek de Oliveira, Tancredo Neves e José Sarney foram distinguidos com o mesmo grau.

A cerimónia, que decorreu na Sala dos Capelos, contou

com a presença de diversas personalidades, entre as quais Dilma Rousseff, presidente do Brasil, em visita oficial a Portugal, o presidente da República, Cavaco Silva, e o seu homólogo de Cabo Verde, Pedro Pires.

## **Prémio Joaquim de Carvalho 2011 atribuído a Paulo Filipe Monteiro**

Pelo segundo ano consecutivo, a Imprensa da Universidade de Coimbra (IUC) procedeu à atribuição do Prémio Joaquim de Carvalho, galardão que pretende distinguir o melhor trabalho de investigação ou de divulgação científica publicado pela editora.

Depois de *Estados Novos*, *Estado Novo*, obra em que é realizada uma análise das dimensões política e cultural do Estado Novo, ter permitido a Luís Reis Torgal vencer a primeira edição, realizada em 2010, *Drama e Comunicação* conferiu semelhante possibilidade a Paulo Filipe Monteiro. Escolhida entre 68 obras editadas no período referido, consiste num conjunto de ensaios sobre os temas mais relevantes das artes performativas, resultado da sua vasta experiência como docente na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, além das múltiplas experiências no teatro, cinema e televisão, enquanto criador e actor.

O júri desta segunda edição do Prémio, composto por cinco professores da Universidade de Coimbra, justificou a atribuição destacando “a visão alargada, erudita e culta que a obra fornece dos temas das artes performativas, tornando-se assim apelativa para um público alargado. O português fluente e elegante, o grande rigor terminológico e a precisão dos conceitos foram outras razões apontadas”. Nesse sentido, este livro deverá ser encarado como fundamental para leitores e investigadores com interesses nas áreas da comunicação e das artes cénicas.



# Um quotidiano de (auto)conhecimento

Rafaela Carvalho \*

Há um grupo de jovens amigos que se reúne diariamente no segundo andar da Associação Académica de Coimbra (AAC). Entre si partilham experiências e histórias quotidianas em conversas intermináveis, às quais se junta sempre mais um. Riem às gargalhadas ou discutem enervados. Tanto podemos vê-los em volta de uma mesa partilhando ideias e criando modelos de páginas, como sozinhos, de auscultadores nos ouvidos, tecendo desenfadadamente num *brainstorming* de criação textual. Alguns, sentados nas mesas com o altifalante do telefone ligado, entrevistam as mais diversas pessoas: um qualquer aluno prestes a perder a bolsa, artistas, políticos, gerais, presidentes e dirigentes associativos. Outros percorrem a cidade na qual se multiplicam as actividades para os estudantes, público primordial do trabalho destes jovens, e para a população em geral, de quem se tentam aproximar cada vez mais.

Não são muitos - no entanto, estão longe de formar um grupo restrito. A porta está sempre aberta para mais um colaborador, seja este amante do tradicional papel ou das mais recentes tecnologias, de escrever ou de fotografar, de ilustrações ou de design. E mesmo que não se conheçam estas actividades, há sempre alguém disposto a ensinar.

Entre os presentes, no espaço de duas divisões que acolhe estas reuniões diárias, ouvem-se frases como: “vamos escrever um artigo fantástico hoje à noite”, “aponto para quantos caracteres?”, “temos duas soluções de recurso: a primeira é pôr a letra mais pequena, o que não podemos...”, “vamos mas é adiantar trabalho” e “só

temos mais 700 caracteres e ainda nos falta...”. Pelas suas mãos passam computadores, gravadores, cabos USB, telefones, canetas, cadernos, máquinas fotográficas, jornais e uma infinidade de outros objectos.

Esta é, de forma resumida, a actividade da redacção do Jornal Universitário de Coimbra – A CABRA, que conta actualmente com uma direcção de dez colegas – amigos, dedicados – e uma equipa de colaboradores variável.

## “Acreditar” num projecto que não se verga a pressões

A CABRA foi criada em 1991 por um grupo de estudantes da Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra (SJ/AAC), dirigidos por José de Albuquerque. A 8 de Janeiro foi lançado o n.º 0, uma versão piloto na qual o lema era “Acreditar!”. “Acreditar que o factor económico não vai abortar, mais uma vez, um projecto de dimensão cultural e de participação de um colectivo que ascende aos 15 mil estudantes é um imperativo de consciência!”, escreveu o director, num editorial em que se esclarece a necessidade de um Jornal que incentive a academia a “debater internamente, mas de uma forma generalizada, as questões que directamente lhe interessam e sobre as quais não pode deixar de ser ouvida”.

20 anos depois, ultrapassada a parte dos problemas económicos e para um colectivo que ascende aos 20 mil alunos – se contarmos apenas o público mais restrito, que é o da Universidade de Coimbra (UC), e não o total, que abrange o Instituto Politécnico de Coimbra (IPC), diversas escolas secundárias e grande parte da



Academia lança campo nacional a 15 de Fevereiro

cidade, que acede ao jornal através da distribuição nos transportes públicos da cidade –, A CABRA continua a sair, para agrado de muitos e insatisfação de alguns. Seguindo sempre o propósito para o qual foi criado, o nosso jornal esforça-se por informar cada um dos seus leitores sobre os assuntos que lhe estão mais próximos e, como disse José de Albuquerque no n.º 1, lançado em Fevereiro de 1991, “jamais faremos a corte seja a quem foi”.

O objectivo é, e podemos dizer que sempre foi e será, combater a apatia, desinteresse e indiferença que grande parte da população estudantil mostra quando confrontada com assuntos ligados à coordenação e gestão das principais entidades que integra ou que a representa. Falo, pois, dos diferentes órgãos da UC e das respectivas faculdades, da AAC, sem esquecer o Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (MCTES), o Conselho de Reitores das Universidades de Portuguesas (CRUP) e os Encontros Nacionais de Académicas (ENA) e de Direcções Associativas (ENDA), entre muitos outros que não incluo pois ocupariam um espaço ao qual não tenho direito.

Em cada uma das nossas edições escolhemos os temas, seguindo, mais do que tudo, os critérios de proximidade e actualidade. Esta selecção impossibilita muitas vezes a cobertura de acontecimentos e o tratamento de muitos dos assuntos que nos chegam. Porém, para combater esta limitação temporal – os 15 dias que separam cada uma das nossas edições em papel - tentamos que essas matérias sejam integradas em [www.acabra.net](http://www.acabra.net), o nosso site de actualização permanente, criado em 2003. Lamentamos apenas que ainda haja quem considere a Internet um meio menor.

### **Desenvolvimento pessoal e enriquecimento cultural**

Como qualquer outra actividade extracurricular, A CABRA é um local de desenvolvimento pessoal e enriquecimento cultural. Para os alunos dos cursos de Jornalismo e de Comunicação Social é talvez mais do que isso: é uma forma de praticar o que se aprende nas aulas. Num meio tão arriscado como é o da comunicação, em que tudo o que escrevemos é visto e revisto, agraciado e condenado, A CABRA é o lugar para cometer os primeiros erros, aprender com eles e perder os

medos sem nunca temer fazer perguntas mais incómodas ou receber respostas ofensivas e inconclusivas.

Além disso, A CABRA permite a cada um dos seus colaboradores realizar todo o tipo de tarefas que estão na base de jornal. Na nossa redacção é possível escrever artigos – reportagens ou notícias – em qualquer editoria (Ensino Superior, Cultura, Desporto, Cidade, Ciência, País e Mundo), explorar os caminhos do fotojornalismo, aprender como se cria o design de um jornal e como se definem os modelos de cada página, fazer crítica cultural, desenvolver competências de jornalismo multimédia e distribuir jornais.

Por outro lado, os colaboradores que não pertencem a cursos ligados a esta área trazem para a redacção uma outra perspectiva do mundo, sempre necessária.

### **Projectos de uma nova direcção**

Em altura de aniversário, fazer uma previsão para o futuro do Jornal Universitário de Coimbra – A CABRA não é correcto e não nos cabe a nós. Há também projectos que, para causar surpresa, precisam de se manter no segredo dos deuses até ao momento exacto de ganhar vida.

Para tal, adoptámos no início de 2009 o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, pois acreditamos que este é já uma realidade e há adaptações que levam tempo para que a elas nos habituemos. Esta é uma delas. Não há razão justificável para a atrasar.

Além disso, nesta nova direcção, o jornal aumentou a tiragem de quatro para cinco mil exemplares, com vista a ser distribuído em estabelecimentos de Ensino Superior que ainda não pertenciam ao nosso trajecto – como a Escola Superior Agrária, o Instituto Superior Contabilidade e Administração de Coimbra, o Pólo B da Escola Superior de Enfermagem e a Escola Superior de Tecnologias da Saúde. Também algumas das escolas secundárias da cidade são agora abrangidas pela nossa rede de distribuição.

A CABRA continua a trabalhar para chegar cada vez mais longe, explorar temas cada vez mais diversos, aumentar o público que nos lê e seguir sempre as questões actuais.

# Uma década de Marionet em diálogo com a Universidade de Coimbra

Marionet

A Marionet é uma companhia de teatro contemporâneo que faz das relações entre arte e ciência a sua forma de questionar o tempo presente. Não se trata de um fetiche com a ciência, mas da consciência de quem pensa e articula o seu discurso artístico num presente tenso e contínuo onde a ciência assume uma importância que antes apenas o divino, nas suas diversas formas, representava. Este altar que construímos para a ciência é como os altares de antigamente, distantes e em boa parte injustificados, e, claro, irresistíveis para artistas e pensadores. A distância onde se colocam os deuses é exactamente a distância que não podemos evitar percorrer. É esse gesto excessivamente ousado e arriscado que nos permite alcançar, ainda hoje, a forma frágil da beleza de amanhã.

Possivelmente, a nossa característica preferida deste culto é que ele é feito de gente tangível, os cientistas – enfim os outros também o serão. Pessoas feitas das mesmas dúvidas e desejos que os artistas e os espectadores. Pessoas que, em última análise, podem ser em simultâneo tudo isso, cientistas, artistas, espectadores e até crentes. Gente a quem podemos ligar para discutir uma ideia nova. Basta arranjar o número.

Numa cidade como Coimbra, berço da Marionet e alcova de quase todos os projectos que desenvolveu

nos últimos 10 anos, inventando-se a si mesma, a lista telefónica desses sujeitos da ciência é a lista de docentes, investigadores e parceiros da Universidade. É, por isso, natural que o percurso da Marionet, na definição desta sua identidade contemporânea e transdisciplinar, se tenha cruzado tantas vezes e das mais diversas formas com a Universidade de Coimbra (UC).

A companhia surgiu em Coimbra, no ano 2000, com a motivação de surpreender, de criar espectáculos de teatro diferentes, no conteúdo e na forma, daquilo que era então produzido na cidade, e tendo também por objectivo abrir um espaço para a expressão de novos criadores nas artes performativas. É interessante verificar hoje que as motivações que estiveram na nossa génese continuam a ser linhas que orientam o que fazemos e vêm sustentando o nosso crescimento.

A nossa primeira produção, *Três Horas Esquerdas* (2001), foi criada em parceria com um organismo da UC, o Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV), que já na altura procurava desempenhar um papel activo na criação cultural da cidade. O nosso enredar em temas científicos começou também nesse ano com o espectáculo *Revolução dos Corpos Celestes*, onde percorremos a evolução do conhecimento

científico sobre o sistema solar desde Ptolomeu a Galileu, para sublinhar o momento em que o planeta do Homem deixou de estar no centro do mundo. Continuámos aí a nossa interacção com a UC: o texto original do espectáculo, dadas as numerosas referências da história da ciência que incluía, foi revisto pelo professor de Física Carlos Fiolhais.

Desde então, a descoberta do nosso próprio lugar na relação entre arte e ciência incluiu muitas vezes a UC, na partilha de espaços, conhecimentos ou encomenda de novas obras. E, mais recentemente foi também com esta Universidade, na sua multiplicidade de organismos, que desenvolvemos duas formas essenciais do nosso vocabulário: as residências e a criação conjunta com não-artistas.

Do conjunto da nossa obra, em relação com a UC, destacamos a adaptação que fizemos d' *Os Lusíadas* (2005), a pedido do Museu Zoológico, *As Portas da Percepção* (2007), a partir de textos de William Blake numa co-produção com o TAGV, a apresentação de *Olhar o Longe. Olhar o Antes* (2008), no terraço da Biblioteca Geral da UC, e um conjunto de espectáculos que criámos recentemente, em colaboração com mais um organismo da UC, dos quais falaremos mais adiante, e que tiveram a particularidade de colocar investigadores científicos em palco.

A UC alterou decisivamente o seu futuro na relação com o público e com os criadores interessados em ciência e arte ao criar o Museu da Ciência. Uma instituição de que tem todos os motivos para se orgulhar, mas, para nós, sobretudo, um conjunto de pessoas preciosas com quem desenvolvemos dois novos espectáculos em que um grupo de não-artistas, cientistas não por coincidência, pôde experimentar a liberdade de criar com recurso aos seus corpos e imaginação. Em 2009, ainda com um texto dramático, *Sr. de Chimpanzé*, um inédito de Júlio Verne. No ano seguinte, começaram com nada, com um par de conceitos articulados em perguntas e tanto espaço vazio quanto lhes conseguimos oferecer. A premissa era: “criem com recurso às mesmas ferramentas que nós temos usado, sabendo que, no limite, não vos

deixamos cair”. Daí resultou *As Moscas são Ratos que Voam*, que incidia sobre o quotidiano dos cientistas no mundo da ciência, e que foi integralmente idealizado, escrito e interpretado por alguns deles, a partir de um conjunto de discussões em torno da vida dos investigadores e da percepção e relação da sociedade com o seu trabalho de investigação.

Durante o primeiro semestre de 2010, estivemos em residência no Centro de Neurociências e Biologia Celular, dia após dia a pesquisar novas formas de encontro entre os sujeitos desta relação, ao mesmo tempo que preenchíamos um cérebro digital de imagens, sons e ideias que são agora acervo da companhia para aplicação em trabalhos posteriores. Ao longo de um período ainda mais alargado, acompanhámos alguns dos projectos do IMAR-Centro do Mar e Ambiente (unidade membro do Instituto de Investigação Interdisciplinar da UC), na área da Ecologia, trabalho que acabou por conduziu à peça *BCC-Blind Carbon Copy* que estreou em Março, e que reflecte sobre o tema das alterações climáticas e outras alterações importantes que cada um de nós provoca com a sua acção quotidiana.

Estas relações foram também capazes de criar novos públicos, essa miragem da criação artística nacional. Aliás, recentemente reconhecemos formalmente essa invenção e a importância dos que investigam em ciência para o nosso trabalho. Atribuímos a esses profissionais exactamente o mesmo desconto, nos bilhetes dos espectáculos, que tínhamos já para os profissionais das artes. Seguimos o mesmo raciocínio, há uma dimensão de contágio e dependência entre nós e uns e outros que não pode ser negada, mas também dificilmente se mede.

O próximo projecto a apresentar em conjunto com esta Universidade enche-nos de orgulho, deixando antever o início de algo muito importante para os estudos de arte e ciência. O projecto é... Bem, deixemos isso para outras linhas. Haverá tempo para falar dele. Com sorte, outro punho redigirá a sua perspectiva, mais justa, e nos ajudará a crescer.

# Petróleo em Portugal: Águas Profundas... Grandes Expectativas

Rui Pena dos Reis \*

Por volta de 2030, de acordo com o relatório de 2009 *World Energy Outlook*, da Agência Internacional de Energia, o petróleo e o gás natural representarão cerca de 57% da resposta à procura global de energia. Esta antevisão obriga-nos a imaginar que o desenvolvimento económico para as próximas décadas continue a depender fortemente do abastecimento de hidrocarbonetos e, portanto, da contínua necessidade de novas descobertas.

Com expectativas cada vez menores, relativamente a descobertas significativas em regiões emersas, os trabalhos de prospecção foram mergulhando progressivamente nos oceanos, em alvos cada vez mais profundos e sob colunas de água cada vez mais espessas. Esse esforço foi particularmente notável por parte de grandes empresas como a Petrobras ou a Exxon, operadoras maiores em regiões e países com predomínio de bacias promissoras em águas ultra profundas, caso de muitas margens oceânicas como a brasileira, a angolana ou a canadiana oriental. O imenso esforço internacional, quer ao nível do investimento financeiro e económico, quer no plano da investigação e desenvolvimento, tendo como objectivo estratégico o estabelecimento de novas fronteiras

exploratórias de prospecção e produção, levou a que na última década se duplicasse a profundidade máxima de coluna de água (de cerca de 1500m em 2000 para 3000m em 2010) sob a qual se perfurou na procura de hidrocarbonetos. É neste conhecimento de ponta e em todas as tecnologias a ele associadas que se centra actualmente a exploração de hidrocarbonetos em águas ultra profundas da margem oeste de Portugal, designadamente na Bacia de Peniche e na margem alentejana.

A região ocidental da Ibéria onde nos situamos, nascida da intensa fragmentação do supercontinente Pangea, que se iniciou há cerca de 220 milhões de anos, veio a constituir uma dessas margens oceânicas, marcada pela influência do ocaso do Oceano Tétis a Oriente e Sul, e em seguida, pela abertura do Oceano Atlântico a Oeste.

A Bacia Lusitânica (na sua grande parte representada em áreas emersas), bem como as suas “irmãs” – Bacias do Porto (inteiramente submersa a Norte), Bacia de Peniche (em águas muito profundas a Oeste de Portugal central) e Bacia do Alentejo (com uma pequena parte em área emersa na região de Santiago do Cacém) – são agora

olhadas com a maior atenção pelas companhias que operam no cenário global da exploração de hidrocarbonetos, tendo sido recentemente concessionadas em blocos exploratórios nos quais decorrem trabalhos de aquisição de dados e onde se espera que, a breve prazo, sejam executadas perfurações.

As referidas operações de grande escala na aquisição de dados (geologia e análise de bacias e prospecção sísmica e gravimétrica) em águas portuguesas de elevada profundidade estão em marcha, sublinhando a relevância da margem portuguesa como alvo exploratório, importância essa que tem crescido em paralelo com o preço do crude no mercado internacional, bem como com o aparecimento de novas descobertas em bacias e modelos geológicos análogos, até há pouco subestimados.

As Universidades de Coimbra (UC) e Lisboa têm estado, felizmente, associadas em parcerias exploratórias e estreitamente envolvidas em muitas acções, quer ao nível de Programas de Investigação e Desenvolvimento financiados exclusivamente pelas companhias, quer em iniciativas de criação de Capital Humano, através de cursos avançados fornecidos às companhias e investimento em infra-estruturas analíticas. Foram já realizados quatro Cursos de Campo destinados a quadros da Petrobras, um curso para quadros da Galp e três outros para quadros da Statoil; o Mestrado em Geologia do Petróleo da UC, criado há três anos e único em todo o país, já graduou vários cidadãos da CPLP - Comunidade de Países de Língua Portuguesa.

Neste âmbito, o consórcio de três grandes companhias – Petrobras, Galp e Partex – com interesses em blocos exploratórios nas águas profundas da Bacia de Peniche, atribuiu nos últimos anos, numa demonstração de confiança e empenho no desenvolvimento desta área do conhecimento em Portugal, um financiamento anual significativo às

duas universidades referidas, dirigido à formação, equipamento e investigação em Geologia do Petróleo. Estes meios, entre outros igualmente oriundos da indústria, têm permitido desenvolver uma estratégia de especialização e reconhecimento internacional, da qual se esperam crescentes resultados, num futuro próximo.

Os dados mais recentes apontam para que se possam desenvolver muitas expectativas, não só relativamente à consolidação do trabalho já realizado, consagrando-o em prestígio e excelência da nossa capacidade científica, bem como às excelentes possibilidades de começarem a crescer oportunidades de especialização e colocação no mercado internacional, de jovens quadros altamente qualificados, nesta área de actividade económica tão interessante.

\* Professor da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra





# Ao Largo

ENTREVISTA RETRATO DE CORPO INTEIRO  
CRIAÇÃO LITERÁRIA LUGAR DOS LIVROS



# “Sou uma cientista feliz”

Por Marta Poiares e Pedro Dias da Silva

*Uma vida dedicada à investigação no âmbito da Imunologia marca o percurso de Maria de Sousa, vencedora do Prémio Universidade de Coimbra (UC) em 2011, galardão que na sua 8.ª edição reconhece um dos vultos nacionais na área da Ciência. Durante anos a viver no estrangeiro, nomeadamente no Reino Unido, a partir de 1964, onde efectuou descobertas relacionadas com a circulação dos linfócitos, ainda hoje consideradas referência, e mais tarde nos Estados Unidos, regressou em definitivo a Portugal em meados da década de 1980, sedendo-se no Porto, para prosseguir estudos sobre a sua “paixão” pelo ferro, concretamente em doentes com Hemocromatose. Cientista e professora catedrática do Instituto de Ciência Biomédicas Abel Salazar, onde fundou o Mestrado em Imunologia e se dedicou ao ensino pós-graduado, dirigiu ainda o Departamento de Genética Humana do Instituto de Biologia Molecular e Celular e integrou a Junta Nacional de Investigação Científica. Actualmente jubilada, sente que a Ciência é hoje reconhecida no país, facto que, em parte, não será alheio ao trabalho que durante décadas desenvolveu.*

É inevitável começar por perguntar que significado tem para si a atribuição do Prémio UC...

Tem um enorme significado. A minha primeira reacção foi uma enorme surpresa e fiquei muito honrada. Quando comecei a perceber o significado académico deste prémio, dei conta da sua dimensão. Como disse na cerimónia de aceitação do Prémio, acho que Coimbra tem feito um esforço enorme, justamente, de se abrir, modernizar e ter pessoas interessantes a fazerem coisas importantes. Até tem mais significado para mim e para as pessoas que apreciaram que tivesse ganho do que para a própria Universidade. Atribuo-lho porque as universidades novas – Minho, Aveiro e agora, Algarve – começam, como nós, Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, que eclodimos em 1975, de novo, com novas atitudes, áreas e pessoas. Mas, a mais antiga universidade deste país, com 721 anos, tem feito um esforço para se renovar, com pessoas que estão a aparecer – algumas conheço pessoalmente, outras só de nome, que acabei por conhecer no dia da entrega do Prémio, como por exemplo o Gonçalo Quadros, da Critical Software. Uma pessoa sabe da existência dessa e de outras empresas pelo estrangeiro e pelos nossos alunos ou amigos que mantêm relações de trabalho com a empresa. O mesmo acontece com a Biocant [Centro de Inovação em Biotecnologia, em Cantanhede], também uma iniciativa muito interessante que tem estado a funcionar, e onde até se sediaram alguns dos nossos doutorados. Ou seja, a informática é uma coisa, a nova Biologia é outra. Historicamente, a Universidade não estava muito para aí virada. Nos últimos 20 anos, tem-se verificado uma melhoria e abertura significativas na área da Biologia e das Neurociências. Sou da área da Biologia, da Imunologia, e portanto esta escolha indicia que algo está a mudar, ao ponto de uma pessoa a trabalhar nesta área ter um prémio na UC, o que a torna muito interessante.

Apesar de se ter licenciado em Medicina, acabou por dedicar a sua vida à investigação científica, tarefa que exige enorme entrega. Olhando para trás, acredita ter sido esse o caminho que a conduziu à realização pessoal?

Sou uma cientista feliz. Escrevi um texto, para uma iniciativa em que participei no Pavilhão do Conhecimento, que se chama *Ciência Interior ou Uma Mulher Feliz*, e é verdade. Tenho um percurso extraordinário e o mais importante - isto para que as pessoas mais novas percebam - quando uma pessoa toma uma decisão, é ter a consciência plena de que está a fazer uma escolha. Porque um dia, quando olha para trás, pode ter a tendência de dizer “podia ter feito aquilo ou aqueloutro...”, mas o que fez decorre de uma opção com a qual, quando, muitos anos depois a analisar, tem de estar contente, sem ficar a pensar como é que seria se tivesse seguido outros caminhos.

Em 1964, num período complicado da História de Portugal, partiu para Londres, quando essa era uma oportunidade rara. Sentiu ser esse o único caminho para alguém que pretendesse efectuar investigação científica?

Foi um pouco consequência da circunstância e do seu tempo. Fui contactada muito cedo, quando estava a tirar a licenciatura, por pessoas que estavam a planear criar o Instituto Gulbenkian de Ciência [IGC], com o objectivo de saberem se estaria interessada em fazer investigação. Na altura, o curso de Medicina tornava evidente que se sabia muito pouco que pudesse ajudar verdadeiramente as pessoas e, portanto, era inevitável que qualquer pessoa que não tivesse uma posição em Medicina para ver doentes ou fazer cirurgia

— tinha ligeiros problemas de visão que me impediam de ser cirurgiã — tentasse, ao longo do curso, saber mais fazendo investigação. Quando apareceu uma hipótese, estive disponível para a agarrar. O objectivo era ir fazer investigação para Londres e depois voltar a Portugal para o IGC, o que aconteceu. No entanto, as coisas correram muito bem lá fora, mas acabaram por não correr tão bem cá dentro, porque não houve grande interesse pelo que tinha feito. . .

Duas das descobertas científicas em que estive envolvida, na área da Imunologia, foram a Área T e a Ecotaxis. Tendo em conta a rapidez com que a ciência evolui, como encara o facto de descobertas feitas há quase meio século continuarem a funcionar como estudos de referência?

Com surpresa, porque em ciência estamos preparados para que as coisas não durem muito. O que fiz foi uma observação ao microscópio completamente nova e que se prende com a questão de saber ver. Mais tarde vim a perceber que muita gente tinha olhado para aquelas coisas e não tinha visto nada. Essa descoberta foi publicada em 1966, mas vi aquilo logo dois anos antes quando cheguei a Londres. Não havia certeza absoluta se todos os linfócitos [glóbulos brancos] tinham origem no timo [órgão linfático], sobre os quais trabalhávamos, pelo que a matéria que estive a estudar foi retirada a animais no período neo-natal. E tornou-se óbvio que naqueles que não tinham timo havia falta de umas células e que tal situação não era aleatória, acontecendo em áreas específicas. Essa foi a minha contribuição, importante pelo simples facto de, na altura, ter começado o debate sobre se havia mais do que uma população de linfócitos, se o timo era a origem de todas, se existiam algumas independentes, se todas tinham o mesmo percurso ou se isso acontecia de forma aleatória. Assim, contribuímos com esta descoberta de que há uma zona que está vazia de células na ausência do timo, a que chamámos inicialmente Área Dependente do Timo, hoje conhecida como Área T.

Depois de uma passagem por Portugal, acabei por ir para a Universidade de Glasgow, na Escócia, trabalhar com a senhora com quem já trabalhara em Londres, e aí fiz a tese de doutoramento em que estudei a extraordinária capacidade dessas células tomarem distintos caminhos e dirigirem-se para as suas “casas” — a que dei o nome de Ecotaxis, título da minha tese, que remete para a capacidade das células se organizarem em micro-ambientes separados. No entanto, em termos de conhecimento isto não está tão generalizado com a Área T, cujos princípios, mesmo com as novas tecnologias, têm permanecido intactos há quase 50 anos.

Até que ponto o estudo da Hemocromatose (doença genética resultante da predisposição para a absorção excessiva de ferro na alimentação) foi importante para o seu regresso definitivo, em 1985, a Portugal, e até que ponto condicionou o seu estabelecimento na região do Porto?

Existe um fio condutor entre a minha primeira descoberta, a Área T, e o que veio a acontecer posteriormente. Embora tenha verificado que em doentes que nasciam sem o timo existia a mesma patologia — a falta de certas células nas tais áreas específicas, tal como tinha descrito no ratinho que investigara — toda esta fase inicial foi desenvolvida com recurso a animais experimentais, pelo que comecei a questionar se aquilo que andava a investigar e a estudar teria algum significado para doenças humanas. Assim, levantei a questão “será que em algumas doenças existe um número de células mais baixas, não porque elas não existam em geral, mas porque em vez de estarem no local onde deveriam estar, se encontram noutro sítio?”. Fui então para Nova Iorque, onde acabei por permanecer dez anos, para estudar pessoas afectadas pela Doença de Hodgkin [hoje Linfoma de Hodgkin, que corresponde a um dos vários tipos de cancro do sistema linfático] que se pensava estar associada a uma imunodependência. Na altura, ainda se retirava o baço aos doentes, pelo que era possível estudar o sangue e o baço simultaneamente. Foi por aí que comecei, vindo a confirmar as suspeitas que a minha pergunta levantava, o que conduziu à questão seguinte que se prendia com o motivo pelo qual as células se encontravam noutro sítio. Através do estudo de muitos linfomas descobri, outra vez, que quando não havia as tais células T nas zonas que tinha descrito originalmente, estavam cheias de ferro. É daí que provem o meu interesse pelas ligações entre o sistema imunológico e o metabolismo do ferro, o que me levou ao estudo da Hemocromatose. Mais ou menos ao mesmo tempo, o francês Marcel Simon descobriu que esta doença é familiar, genética e está, de certa forma, ligada ao sistema imunológico. E isso, de ponto de vista da investigação é fantástico, pois se, tal como postulava em 1978, esse sistema tem uma função de vigilância interna no metabolismo do ferro, então essa doença era perfeita para procurar responder a essa pergunta. Mas, precisava de estudar famílias e, mais uma vez, a circunstância. Entretanto, houve uma revolução em Portugal em Abril de 1974, o Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar [ICBAS] foi criado, e andavam à procura de investigadores portugueses que estudassem no estrangeiro. Foi neste contexto que acabei por regressar, a convite do Prof. Nuno Grande, para estudar a Hemocromatose nas famílias do Norte de Portugal [as patologias associadas com esta sobrecarga de ferro são no fígado a cirrose e o cancro, no coração a insuficiência cardíaca, no pâncreas a diabetes, nas articulações a artrite e na hipófise a impotência sexual].

Desde meados da década de 1960 que conviveu com distintas realidades académicas e formas de investigação. Se tivesse que estabelecer paralelismos entre aquilo que viveu no Reino Unido, nos EUA e em Portugal, quais os aspectos positivos e negativos que salientaria das vivências no estrangeiro e as que encontrou quando regressou ao ICBAS, em 1985?

Voltamos à combinação da escolha e da circunstância. Tomei a decisão de regressar nessa altura, especificamente ao Norte, porque me tinha apercebido que existia essa doença. Havia também uma instituição nova na qual podia trabalhar, onde fiquei com a responsabilidade de tutelar um mestrado, ou seja, podia fazer ensino pós-graduado que era aquilo que sabia fazer bem. Mas era também um país que só em 1986 entraria para a Comunidade Económica Europeia e que iria investir em Ciência daí em diante... É muito difícil fazer uma comparação entre os Estados Unidos da América (EUA), de onde vinha, com Portugal. Se fui para Nova Iorque porque a melhor investigação em Imunologia Clínica, na altura, estava a ser feita lá, comparativamente com a Europa em geral, pode imaginar-se o panorama que existia no nosso país, onde não havia praticamente nada. Portanto, o que talvez seja melhor comparar é o Portugal de então com o de agora. Isso é que é uma diferença abismal. Em relação aos EUA a grande questão é que o investigador nunca fica absolutamente desamparado: se não houver financiamento do governo federal, porque há um decréscimo dos montantes disponíveis, há sempre uma sociedade civil empenhada - por exemplo, através das fundações -, atenta e capaz de ajudar. Um dos contrastes maiores centra-se aí. Existem, hoje, pessoas da maior qualidade que, de resto, estão em laboratórios americanos e europeus e que, ao contrário de muitos dos seus pares estrangeiros, que demonstram alguma hesitação, ainda consideram que trabalhar em ciências é algo fantástico. Daí que sinta que a grande diferença se centra no envolvimento da sociedade civil, nas mais diversas áreas, mas também na criação de bolsas e apoios específicos para projectos originais — a Fundação Calouste Gulbenkian é a única que faz um pouco disso. Em Portugal, hoje, ao contrário do que aconteceu no final da década de 1980 e seguinte, é muito complicado conseguir oferecer-se mais do que um salário, tendo desaparecido assim uma certa atracção que o país foi capaz de desenvolver.

**Fernando Seabra Santos, ex-Reitor da UC, afirmou há algum tempo que “enquanto o país não investir no Ensino Superior, não terá recursos para coisa nenhuma”. É da mesma opinião?**

Depende daquilo que se considera Ensino Superior. Não conheço o contexto em que foi proferida essa afirmação, mas acho que deve haver um investimento na educação em geral. Precisamos de pessoas com capacidades diferenciadas, inseridas numa sociedade que valorize a formação científica, que se pergunta para encontrar respostas. E isso não tem que ser só ao nível do Ensino Superior. Citando um exemplo concreto: existe o Google e a Apple; as pessoas envolvidas no projecto Google são académicos, fizeram os seus percursos em instituições de Ensino Superior e criaram o Google com um algoritmo da tese de doutoramento em que estavam a trabalhar. O Steve Jobs, da Apple, não. Mas, o resultado acaba por ser o mesmo. O Steve Jobs vai a escolas muito diversificadas onde aprende coisas extraordinárias, mas não tem uma formação académica. O que é importante é a oferta da qualidade da educação, a que pode chamar de superior, pois, nesse sentido, a universidade deve ter uma responsabilidade na formação contínua. O importante é um país valorizar a educação e os professores de todo o sistema de ensino, que é o que acontece na China e está a acontecer, nesta altura, com o presidente Barack Obama. É preciso educar as pessoas a perceberem não só a importância das coisas, mas também como se cria riqueza com o conhecimento.

**Disse recentemente, em entrevista ao Jornal de Letras, que “Portugal teve uma política de formação científica brilhante”. Nessa perspectiva, o que é que tem falhado para que não se consiga impor essa ideia de êxito e extrapolá-la para uma sociedade com níveis de auto-estima tão baixos?**

Não sei o suficiente para poder afirmar se as pessoas se apercebem que houve uma modificação. Há quem tenha percebido. Nos anos [19]80 não se falava de cientistas, nem a palavra entrava na linguagem comum. Hoje sabe-se que existem e que são pessoas mais ou menos normais, que não são uns doidos que estão num sítio a fazer só uma determinada coisa e que não querem saber de mais nada. No entanto, se há quem continue a pensar como há três décadas, já tinha obrigação de ter mudado de opinião, porque é realmente uma história de êxito. Começaram por formar-se as pessoas, depois criaram-se instituições para onde elas pudessem ir trabalhar, pelo que acaba por encontrá-las associadas ao Ministério da Ciência e à Universidade. Simultaneamente, foi sendo trilhado um caminho com o Projecto Ciência Viva. Agora, imaginem que tinha existido uma política semelhante na História: existem doutoramentos na área, pelo que haveria que criar Centros de História da maior exigência e qualidade, onde os melhores doutorandos quisessem trabalhar — talvez esteja a acontecer isto, não sei — e, ao mesmo tempo, criava Centros de História Viva, em que se efectuasse um trabalho com as autarquias, para alertar os cidadãos para a importância da História local e da Arqueologia. Ou seja, desenvolver-se-ia um processo para a História semelhante ao que aconteceu com a Ciência. Confesso que sou muito sensível a esta disciplina, porque o que confere características únicas a Portugal e aos lugares do país são as suas histórias únicas, daí que a cultura e as atividades culturais sejam essenciais para o seu desenvolvimento. O importante é o país perceber o seu próprio desígnio na área do conhecimento e, sinceramente, isso não acontece.

**Apesar da sua dedicação à ciência, é público o gosto que nutre pela música e literatura. São os complementos fundamentais a uma vida preenchida por laboratórios, investigação e congressos?**

Tenho um neto “emprestado”, que um dia, por volta dos seus 12 anos, teve a oportunidade de contactar directamente com um grande físico americano que visitou Portugal, de quem sou amiga, e colocou-lhe a pergunta sobre se havia vida no Universo fora da Terra.



Fiquei tão espantada com o teor da questão que lhe perguntei a razão de tal preocupação, ao que ele retorquiu: “porque sou humano”. Portanto, copio o meu neto e respondo da mesma forma. Faz parte da condição humana estar atento ao que o rodeia. Se tenho a possibilidade de ler, de ouvir e apreciar música e de ir a museus, se as circunstâncias me permitiram ter uma educação musical é natural que, a par da possibilidade que tive de ir fazendo investigação, fosse desfrutando. Mas, na altura em que decidi, os compromissos eram diferentes, pois no meu caso tocar piano significava ser pianista, e estudar medicina conduzia à investigação. Não havia tempo para fazer as duas coisas. Mas foi um período bom, em que frequentava as aulas de Anatomia e depois o Conservatório, que funcionava como uma redenção dos laboratórios de Anatomia. Investigar obrigou-me a efectuar muitas escolhas e tirou-me a possibilidade de fazer imensas coisas, mas não me desumanizou.

Da cerimónia de entrega do Prémio UC, os órgãos de comunicação social ressaltaram as afirmações em que defende que “a criação de um grande país” se faz de “pequenas e, em grande parte, anónimas histórias”. Que histórias são essas?

São as histórias dos bons alunos desconhecidos que transmitem ao país que se orgulham de fazer as coisas bem-feitas e contribuem para o aumento da sua qualidade. Somos cada um de nós. Recorde-se a frase final da canção [“Que parva que sou”] dos Deolinda, “Para sermos escravos temos que estudar”, onde, de facto, falta uma linha: “para não sermos escravos temos que aprender”. E aí os professores, e nós universitários em particular, temos uma responsabilidade porque, de uma maneira geral, educámos as pessoas a estudarem para os exames. E isso é gravíssimo, porque estudam que nem uns brutos, mas não aprendem a aprender. E com o mundo a mudar tão rapidamente, o mais importante para alguém que sai da universidade, e para a maioria das pessoas, é que saiba que tem que possuir a capacidade de aprender.

José Neto

# Do outro lado da objectiva

Marta Poiares

Há pessoas com surpresas dentro e surpresas com pessoas dentro. José Neto, 48 anos, postura formal, palavras contidas e olhar sério, poderia ilustrar o segundo exemplo. Em contra-luz, recorta-se a silhueta de alguém que está na Universidade de Coimbra (UC) há mais de 20 anos, agora como funcionário na Reitoria; contudo, quando a luz lhe é apontada, descobre-se uma faceta mais tímida, mas omnipresente em todos os lugares da sua vida: a de fotógrafo publicado, premiado e, acima de tudo, dedicado.

José Neto nasceu em 1963, em Coimbra, e sempre por cá se manteve. O pai trabalhava na Reitoria e quando surgiu o convite para trabalhar na UC, não hesitou. “Antes de estar na Reitoria, passei pelo Estádio Universitário e estive um ano na Biblioteca Geral. Aceitei o lugar por necessidade, pois estava numa situação em que já era complicado arranjar emprego”. Na transparência do quotidiano, “Neto”, como é tratado, tem a seu cargo um serviço de polivalência – do apoio ao turista, à manutenção da Sala dos Capelos, à gestão dos meios audiovisuais. Mas na opacidade dos dias “livres”, despe-se dessas funções para vestir a pele de fotógrafo.

Cedo se traçou a paixão e o primeiro trabalho que teve, por obra do acaso e da circunstância, foi precisamente na fotografia. A sua prima Hilda, que deu o nome à loja de fotografia que ainda hoje preenche umas das fachadas do Largo da Portagem, em Coimbra, convidou-o em 1983/84 para lá trabalhar, numa altura em que José Neto acabara de sair do serviço militar. Na altura, Varela Pécurto – fotógrafo conimbricense de renome – era sócio-gerente e depressa se tornou o seu mestre. “O Senhor Varela foi, durante mais de duas décadas correspondente da RTP, aqui. E eu saía sempre com ele, em serviço. Ele filmava e eu segurava no iluminador. O filme era feito, depois inserido na bobine

de lata e identificado o conteúdo, era enviado para Lisboa”, recorda. A responsabilidade do trajecto do filme pousava nas mãos de José Neto: “Era eu que ia levar as bobines à Estação Nova para seguir para Lisboa. Era uma grande responsabilidade!”, exclama, de orgulho na voz. Nas palavras de “Neto”, Varela Pécurto pautava-se pela exigência e pela atitude reservada: “Lembro-me que ele usava sempre uma Nikon EM, de 35mm. Quem queria, aprendia a olhar para ele, pois não era muito de explicar. Guardava o ensinamento para ele”. No entanto, o feitio não impediu o cognome de “mestre”: “Foi muito importante conhecer o Varela Pécurto. Foi um mestre de estilo, de influência, de algo que não se ensina”, explica.

Apesar de ter tido sempre um gosto mais marcado pela arte fotográfica do que por qualquer outra actividade, foi na Hilda que começou a gostar mesmo, de forma sublinhada, de fotografia. “Comecei a entrar no laboratório, a dar os primeiros passos em direcção à câmara escura. Na altura, começaram a aparecer os primeiros filmes a cores, que ainda não eram revelados em Coimbra, mas sim em Linda-a-Velha, na própria Kodak. Quando vinham, nós só fazíamos o controlo de selecção, cortávamos os filmes e metíamos dentro do envelope. Não é só tirar a fotografia cá fora, o trabalho de bastidores é muito importante. Aprende-se muito”. José Neto lembra-se bem da primeira reportagem que Varela Pécurto lhe entregou, totalmente, para as mãos: “Foi um Campeonato Europeu de Trial, na Figueira-da-Foz. As máquinas que usavam eram da Pentax: a Spotmatic e a K1000. As fotografias ficaram espantosas, à primeira”, recorda, entre (sor)risos. Sorte de principiante, fruto de observação ou da mestria de quem o acolheu, José Neto não sabe, ainda hoje, explicar, mas não se esquece da reacção do seu mestre: “O Senhor Varela ficou muito







admirado com o resultado. Diria até desconfiado – um garoto sem experiência e, de repente, sai aquilo! (risos)”. Ainda que de forma clandestina, José Neto fazia alguns trabalhos extra, fotografando fora do horário de expediente: “Deus me livre se o Senhor Varela soubesse que eu andava a fazer fotografia depois da hora de trabalho! Se sonhasse, era um pandemônio. Ou dava o serviço à própria casa ou não fazia. Sempre escondi isso”, confessa.

No final do contrato na Hilda, lançou-se ao desafio e começou a fotografar por si próprio. Entrou no sistema de reportagem de casamentos e batizados, apenas para ganhar algum dinheiro; aliás, foi assim que comprou o primeiro carro. No entanto, nunca se sentiu realizado nessa área – os clientes eram muito exigentes e o tipo de trabalho implicava um imediatismo inimigo da perfeição. Histórias guarda muitas dessa época, mas a irreverência fá-lo recordar algo em particular: “Na altura, trabalhava para várias casas de fotografia e todas me acolhiam muito bem. Mas como era fotógrafo de rédea solta, não era profissional, acontecia-me “roubar” trabalhos a algumas casas mais conhecidas e causar alguns amuos (risos). Lembro-me de ter “roubado” o casamento de um jogador do União de Coimbra ao Vítor Ramos, que por norma, fotografava sempre os jogos da Académica e do União, e de ele não ter ficado muito contente comigo”, brinca. Hoje em dia, ainda faz os batizados dos filhos dos amigos, mas sem o gosto de antigamente. A culpa atribui-a à evolução: “O sistema da fotografia digital tirou muito valor à fotografia em si. É demasiado imediato. Quando se trabalhava com a analógica, num sistema óptico e químico, era mais satisfatório; agora trabalha-se com um sistema totalmente manipulado por um computador e por programas informáticos. A possibilidade de errar dava outro ímpeto ao acto de fotografar”, justifica-se, algo desanimado.

Quando, finalmente, chegou à UC, José Neto abandonou por completo a fotografia profissional. Apesar de ainda ter feito alguns trabalhos na universidade coimbrã – e de ter todos os negativos religiosamente guardados -, é ainda com profunda admiração que as pessoas descobrem este lado recôndito do funcionário da Reitoria.

Estendidas na mesa onde conversamos, estão algumas das fotografias da sua autoria. Passamos os olhos pelas imagens que José Neto gravou no papel e, quando damos conta, já percorremos toda uma parte de Portugal em imagens.

Penacova, Lousã, Buçaco, Leirosa, Sesimbra, Ançã. “A fotografia mais artística fazia sempre nos meus tempos livres, ao fim-de-semana, ou quando ia a qualquer sítio. A máquina sempre foi a minha companhia - ainda hoje trago uma pequena máquina compacta dentro do carro. Sempre que gosto de alguma coisa, volto atrás para fotografar. E se não levasse máquina, ficaria sempre com essa ideia presa na memória: porque é que não fotografei aquilo? Porque é que não voltei atrás? A fotografia é, para mim, uma forma de ver completamente diferente da dos outros”, revela José Neto.

No “currículo”, estão inúmeros primeiros prémios, menções honrosas, exposições, certificados, publicações em revistas e jornais. “Fui publicando fotografias na revista da Editorial Caminho, na qual ganhei quatro vezes seguidas o primeiro lugar, ao abrigo do concurso ‘Mande uma foto’”, recorda. De todas, destaca uma menção honrosa no 1.º Concurso de Fotografia de Trevim, de 1986. A temática era “Defender a Paz”, mas a imagem, diz a História, fala por si: a preto e branco, em primeiro plano, desenham-se apenas duas mãos, em sinal de stop. Em segundo plano, desfocada, uma pista de aviões. “Penso que diz tudo”, comenta.

Nos dias de hoje, José Neto fotografa praticamente apenas em digital: “A última vez que peguei numa máquina analógica, uma Sigma SA-300, já foi há muito tempo. Os rolos são muito caros e os processos de revelação já em nada se comparam àquilo que existia”. Não tem medo da evolução e sublinha que só aprende quem ensaia e erra: “A fotografia não se aprende pelos livros, mas no campo. Mas agora toda a gente fotografa, pois as máquinas digitais facilitaram o processo. Apesar disso, penso que depende mais de um olhar e de uma sensibilidade distintas das óbvias”.

No futuro manter-se-á na UC, mas continuará para sempre ligado à fotografia. Nos planos pensados, tem um livro de fotografias (passado versus presente) sobre Penacova, terra natal do seu pai, em jeito de homenagem, e a persistência na participação em concursos que vão surgindo: “Sempre foi iniciativa própria e vou continuar a tentar. Só tentando é que se consegue e eu tenho conseguido algumas vezes (risos)”. Apesar da eterna ligação à arte fotográfica, José Neto não olha para trás com arrependimento ou nostalgia, quando revê os passos que deu. A olhar para trás, será sempre para pegar na máquina e fotografar para mais tarde recordar.

# A Casa das Dez Mulheres

Veríssimo Dias \*

*Uma mulher que ama transforma o mundo*

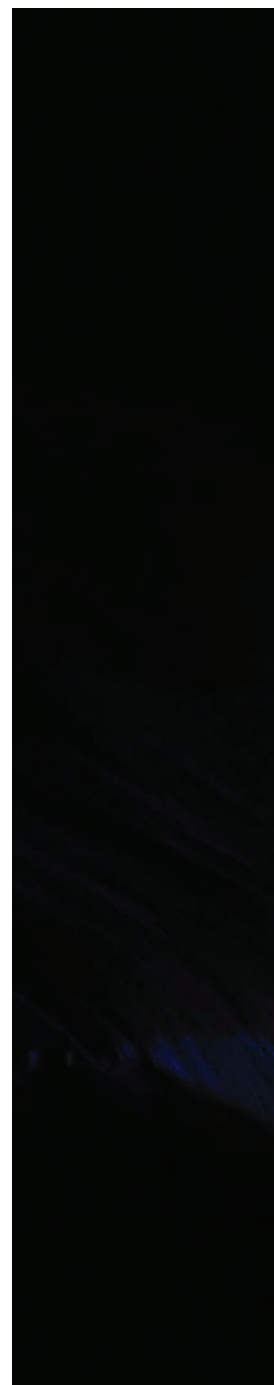
Jacques de Bourbon-Busset

A casa das dez mulheres amanhece cedo e serena; levantam-se duas, lavam-se e penteiam-se, perfumam-se e, como louças ou boninas, vão passear no capim, perto do sereno lago azul. Chegam, pouco depois, mais duas de calções usados, mas coloridos. Falam e riem-se. Some-se, entretanto, uma, como por encanto, mas surgem mais quatro. Frescas e belas, embora com um brilho cinzento no olhar. Chega outra, despenteada, e duas afastam-se para dizer segredos. Na casa das dez mulheres nunca se vêem dez mulheres.

A vida é uma tarde de domingo, mesmo no Inverno; chove com energia, mas é domingo. Na casa das dez mulheres, os homens que se abeiraram sentem-se bem; mas são transitivos; chegam, carregando as suas vozes grossas e as suas ordens, bebem, fumam, bebem, tilintam gelo nos copos, fumam, possuem e partem; para a casa, esse seres são como sombras fortes e lentas, mas são apenas sombras. Mesmo que deixem alguma bonina espiritual no coração e nos segredos de algumas das dez mulheres... partem e mergulham no cinzento dos seus quotidianos de stress. Fica a casa limpa e luminosa entre o verde capim e o sereno lago.

Sim, fica a casa, a aguardar o instante de entrar, feliz, no bojo da noite cheia de estrelas, carregando o sono e os sonhos de nove mulheres — porque há sempre uma que sai e, olhando para dentro de si e para o alto, busca pirlampos e abandona-se ao pranto... que rega de sal o capim dos homens.

\* Silvicultor, biólogo e fotógrafo. Publicou recentemente *Retratos da República*.





# Lugar dos Livros

**Título:** Outros Combates pela História

**Coordenação:** Maria Manuela Tavares Ribeiro

**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra

Colaboração CEIS20

Série *Documentos* [Coimbra 2010]

**Título:** Youth Sports – growth, maturation and talent

**Coordenação:** M. J. Coelho e Silva, António J. Figueiredo, Marije T. Elferink-Gemser, Robert M. Malina

**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra/ Direcção

Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular

Série *Investigação* [Coimbra 2010]

**Título:** Biotecnologia Vegetal. Da clonagem de plantas à manipulação genética

**Autor:** Jorge M. Canhoto

**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra

Série *Ensino* [Coimbra 2010]

**Título:** Energia em Sinfonia

**Autoras:** Helena Henriques, Maria José Moreno

**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra

Colecção *Descobrir as Ciências* [Coimbra 2010]

**Título:** Relations of the Self

**Coordenação:** Edmundo Balsemão Pires, Burkhard

Nonnenmacher, Stefan Büttner-von Stülpnagel

**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra

Série *Documentos* [Coimbra 2010]

**Título:** Esterilidade e Procriação Medicamente Assistida

**Autoras:** Teresa Almeida Santos, Mariana Moura Ramos

**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra

Colecção *Estado da Arte* [Coimbra 2010]

**Título:** Saúde Mental

**Autor:** Manuel João Quartilho

**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra

Colecção *Estado da Arte* [Coimbra 2010]

**Título:** Le Mal du récit

**Autora:** Cristina Robalo Cordeiro

**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra

Colecção *Estudos & Humanidades* [Coimbra 2010]

**Título:** Lições de Direito Administrativo

**Autor:** José Carlos Vieira de Andrade

**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra

Série *Ensino* [Coimbra 2010]

**Título:** Revista Portuguesa de Dano Corporal. N.º 20

**Direcção:** Duarte Nuno Vieira

**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra/ APADAC/

Instituto Nacional de Medicina Legal

[Coimbra 2010]

**Título:** Lógica

**Autor:** Luís António Verney.

Tradução de Amândio Coxito

**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra

Colecção *PORTVGALIAE MONVMENTA*

*NEOLATINA*

[Coimbra 2010]

**Título:** Revista Estudos do Século XX. N.º 10

**Coordenação:** Maria Manuela Tavares Ribeiro

**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra

Colaboração CEIS20

[Coimbra 2010]

**Título:** Drama e Comunicação

**Autor:** Paulo Filipe Monteiro

**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra

Colecção *Olhares* [Coimbra 2010]

**Título:** Estas Máquinas Chamadas Mundos

**Autor:** E. Ivo Alves

**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra

Colecção *Estado da Arte*

[Coimbra 2010]

**Título:** Diplomatório da Sé de Viseu (1028-1278)  
**Autores:** Leontina Ventura, João da Cunha Matos  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra/ Instituto de Estudos Medievais da Universidade Nova de Lisboa/ Centro de História da Sociedade e da Cultura da Universidade de Coimbra [Coimbra 2010]

**Título:** La terre dans le monde romain: anthropologie, droit, géographie  
**Autor:** Gérard Chouquer  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra/ Éditions Errance [Coimbra 2010]

**Título:** CiênciaCidade  
**Autores:** M. Paula Serra de Oliveira, Francesco Marconi  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra Coleção *Olhares* [Coimbra 2010]

**Título:** O Arquitecto Azul  
**Autor:** Jorge Figueira  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra Coleção *Olhares* [Coimbra 2010]

**Título:** A Contra-Revolução na I República (1910-1919)  
**Autor:** Miguel Dias Santos  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra Coleção *República* [Coimbra 2010]

**Título:** Cadernos de Literatura Medieval – CLP. O Contexto Hispânico da Historiografia  
**Coordenação:** Maria do Rosário Ferreira  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra Série *Documentos* [Coimbra 2010]

**Título:** Museus para o Povo Português  
**Autora:** Joana Damasceno  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra Colaboração CEIS20 Coleção *História Contemporânea* [Coimbra 2010]

**Título:** Portas Adentro: comer, vestir e habitar na Península Ibérica  
**Autores:** Isabel dos Guimarães Sá, Máximo García Fernández  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra/ Secretaria de Publicaciones e Intercambio Editorial da Universidad de Valladolid [Coimbra 2010]

**Título:** Chancelaria de D. Afonso III. Livros II e III  
**Autores:** Leontina Ventura, António Resende de Oliveira  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra Série *Documentos* [Coimbra 2011]

**Título:** Alexandre Magno. A Paixão da Guerra  
**Autor:** Henrique M. Sant’Anna  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra Coleção *Estado da Arte* [Coimbra 2011]

**Título:** Os baluartes da fé e da disciplina. O enlace entre a Inquisição e os bispos em Portugal (1536-1750)  
**Autor:** José Pedro Paiva  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra Série *Investigação* [Coimbra 2011]

**Título:** Política Externa. As relações internacionais em mudança  
**Coordenadora:** Maria Raquel Freire  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra Série *Ensino* [Coimbra 2011]

**Título:** A História Química de uma Vela  
**Autor:** Michael Faraday  
**Tradução:** Maria Isabel Prata, Sérgio Rodrigues  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra Série *Documentos* [Coimbra 2011]

**Título:** Portugal 1974. Transição Política em Perspectiva Histórica  
**Coordenador:** Rui Cunha Martins  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra Colaboração CEIS20 Coleção *História Contemporânea* [Coimbra 2011]

**Título:** Empreendedorismo: do conceito à aplicação, da ideia ao negócio, da tecnologia ao valor  
**Autor:** Pedro Manuel Saraiva  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra. Coleção *Empreendedorismo e Gestão* [Coimbra 2011]

**Título:** Concelhos e a organização municipal. Miunças 1  
**Autor:** Joaquim Romero Magalhães  
**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra Série *Investigação* [Coimbra 2011]



Espaço das Escolas



# Rua Larga

Rui Lobo \* e Rúben Vilas Boas \*\*

A Rua Larga é, e foi, a via estruturante da actual e da antiga alta universitária de Coimbra, via que dá o nome à presente publicação. É também o tema de uma dissertação de mestrado orientada e realizada, respectivamente, pelos dois autores deste texto, dissertação recentemente defendida no Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra (UC) e intitulada *A Rua Larga de Coimbra. Das origens à actualidade*.

Foi objectivo do trabalho tentar registar graficamente a evolução da Rua Larga, desde o período medieval até à actualidade, a partir da recolha e organização dos abundantes dados documentais já conhecidos, por meio de um processo de reconstituição das duas frentes da via (sul e norte) e de representação das suas plantas (térrea e de implantação).

Para além das evoluções concretas, sistematizadas para quatro tempos diferentes, procurou-se também registar os projectos não realizados para cada frente da rua em dois períodos concretos. Em particular na segunda metade do século XVIII, tempo em que se incluem alguns dos projectos da reforma pombalina; e também no âmbito da proposta para a alta universitária do Estado Novo, caso tivesse sido levada até às suas últimas consequências. Fizeram-se pois, no total, seis reconstituições.

A história da cidade alta de Coimbra foi alvo de uma série de estudos recentes que criaram uma nova base para o seu entendimento. Falamos, entre outras, das pesquisas de António Filipe Pimentel (dedicada ao edifício da universidade, antigo paço real da alcáçova), de Walter Rossa (abordando, entre outros aspectos, o lançamento das primeiras ruas do bairro universitário da alta, no âmbito de uma investigação mais alargada sobre a evolução urbana da cidade), de Nuno Rosmaninho (que estudou o processo de implementação da cidade universitária imposta nos anos quarenta do século passado), ou ainda de Jorge Alarcão, que em ensaio ilustrado revisitou a alta romana e do período medieval.

Não obstante, subsistem ainda aspectos pouco esclarecidos como sejam, desde logo, os contornos gerais da ocupação humana relativamente rarefeita do topo da alta medieval. Ou o próprio processo de consolidação do bairro universitário a partir do século XVI e até finais do século XIX, quer do ponto de vista da estruturação viária mais abrangente, quer do ponto de vista da construção progressiva de novos prédios de rendimento. Já o fenómeno de implantação progressiva dos colégios universitários é relativamente bem conhecido.

As lacunas mencionadas constituíram evidentes limitações de partida para este estudo, que procuramos contornar com recurso a algum grau de especulação gráfica nas reconstituições, em particular no que concerne aos períodos mais recuados.

Supõe-se que uma via antecedente da Rua Larga existisse já no período romano unindo a plataforma elevada, onde se situa actualmente o Paço das Escolas, à antiga porta de entrada da urbe de *Aeminium* pelo nascente. É possível que ao longo desta suposta via se situassem algumas *domus* das principais famílias da cidade (Alarcão, p.64).

No período medieval, provavelmente no século X (Pimentel, p.189-190), a dominação árabe estabele-

ceu um altivo recinto fortificado sobre aquela plataforma, o alcácer, criando um novo remate para a via. Por sua vez, a porta nascente de Coimbra ganharia o nome de Porta do Sol, ou de Porta do Castelo, já no tempo da nacionalidade, a propósito da construção de duas importantes torres fortificadas ordenadas por D. Afonso Henriques e por D. Sancho I.

Uma das primeiras referências documentais à Rua Larga de Coimbra reporta precisamente a 1262, ano em que Afonso III a designava por “via publica que vadit de meo alcaçar ad portam Solis” (Alarcão, p.114), ou seja a via que ligava o Alcácer, o actual edifício da universidade, até à antiga Porta do Sol, onde se abre hoje a praça D. Dinis. Em 1374 surge referenciada como “Rua da Alcáçova que vai para o Castelo” e em 1511 é designada simplesmente por “Rua da Alcáçova” (Rossa, p.806).

Só décadas depois da transferência da universidade para a alta de Coimbra, em 1537, se passou a designá-la por “Rua Larga”, embora em 1603 ainda se refira como “rua que vai das Escolas Gerais para o Castelo” (Rossa, p.807). Foi aparentemente no século XVI que a rua se constituiu como uma via mais larga que as restantes, por ocasião do estabelecimento do novo bairro universitário. A uma artéria secundária e perpendicular como a Rua dos Estudos foi atribuída uma largura de 30 palmos, enquanto a da Rua Larga se fixou nos 45 palmos (Rossa, p.809-810) justificando-se, assim, a sua denominação. Outras “ruas largas” noutras paragens tiveram, sobretudo, vocação comercial como as antigas “ruas anchas” de algumas cidades portuguesas (Évora, Beja, Loulé), as Calle Mayor castelhanas, as Broad Street britânicas (desde logo, Oxford) ou as Bredgatan escandinavas.

A primeira época que se procurou reconstituir foi a medieval. Assumiu-se, necessariamente, um considerável grau de especulação, tanto para o traçado viário associado à Rua Larga como para o aspecto geral dos edifícios.

Nos desenhos foi empregue, aliás, um registo distinto para os diversos tipos de reconstituições dos edifícios, diferenciando os casos de reconstituições exactas ou com elevado grau de semelhança (representadas a cores) das que são em grande medida conjecturais ou hipotéticas (representadas as tons de cinzento) ou ainda das representações de projectos não realizados (traçadas sobre fundo branco). Assim, fez-se coincidir um primeiro momento com a data de **1377**, na qual a Universidade abandonou Coimbra pela segunda vez, para se instalar em Lisboa nos 160 anos subsequentes. Mostra-se o Paço Real posterior à profunda reforma conduzida por D. Afonso IV, de acordo com a pesquisa realizada por António Pimentel, e representa-se o castelo resultante da campanha de obras de D. Fernando, tal como foi recentemente interpretado por Jorge Alarcão. As casas de um lado e do outro da rua são livremente recriadas, ainda que com base em estudos sobre a habitação corrente coeva na cidade. É também livre a interpretação do Estudo Geral dionisino.



Uma segunda fase evolutiva pretendeu registar o aspecto geral da Rua Larga após a transferência definitiva da Universidade para Coimbra (em 1537) e posteriormente ao estabelecimento do novo bairro universitário da alta, com a construção dos prédios de rendimento e dos colégios. Fixou-se o registo em **1678**, data em que se terminou a construção do antigo colégio de São Boaventura, sobre a frente norte da rua. Outros colégios que haviam sido entretanto levantados (e que se representam) foram os de São Bento, de São Jerónimo, dos Lóios e o Real de São Paulo, para já não falar do enorme colégio de Jesus, o maior colégio da alta, implantado mais a norte e do qual se vê a magnífica igreja (actual Sé Nova) como pano de fundo.

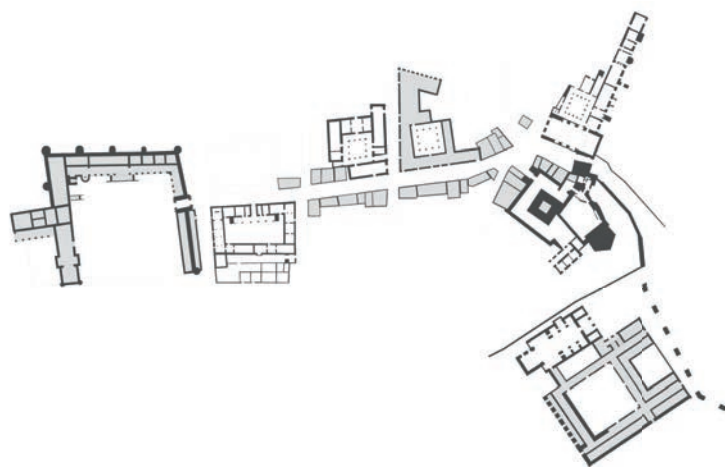
Representa-se o antigo Paço Real depois de ter sofrido a importante intervenção manuelina, nos inícios de Quinhentos, e depois das adaptações a sede da Universidade que incluíram a torre do relógio de João de Ruão (Pimentel, p.479) e, mais tarde, a porta férrea seiscentista.



1678



1678



1678

Um terceiro conjunto de desenhos avança um século e procura reconstituir como teria sido a alta em finais de Setecentos (**1779**) caso tivessem sido edificadas uma série de projectos relevantes pensados para a sua frente sul, como sejam o grandioso observatório astronómico projectado por Guilherme Elsdén para a reforma pombalina, de que apenas se levantou o piso térreo depois de se ter procedido à demolição do antigo castelo. Ou ainda os projectos para os colégios de São Paulo (realizado por Giacomo Azzolini para substituir o colégio antigo, e que não saiu do papel) e de São Paulo Eremita, na sua versão completa, não concretizada (ficou por fazer toda a ala nascente). No Paço das Escolas surgem já a Via Latina, a nova torre, o quadrângulo dos gerais e a biblioteca joanina, esta apenas representada em planta, pois surge tapada no perfil.



(1779)



1779

Um quarto momento corresponde ao ano de **1932**, ano em que se demoliu a igreja do colégio de São Bento (que ainda se representa), primeira relevante demolição que prenunciava já o arrasamento total da antiga alta universitária durante os anos de 1940. Estes desenhos constituem, pois, um registo da antiga Rua Larga no seu último momento.

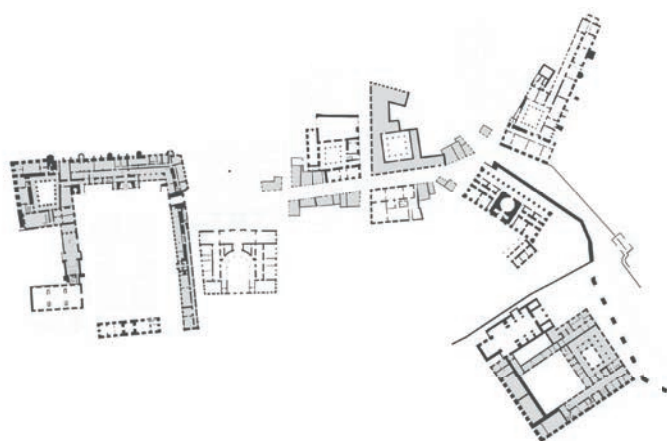
As reposições integrais dos edifícios de um lado e de outro da rua basearam-se nos registos fotográficos do livro *A velha Alta desaparecida*, publicado pela Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra. Destaca-se, na frente sul, a recém-edificada Faculdade de Letras (1912-1929) do arquitecto Silva Pinto. No terreiro do Paço das Escolas subsiste ainda o observatório astronómico efectivamente construído (1799) após o abandono da obra do observatório pombalino, obra incompleta que se pode observar junto ao aqueduto e que albergava, na época, as lavandarias dos Hospitais da UC.



1932



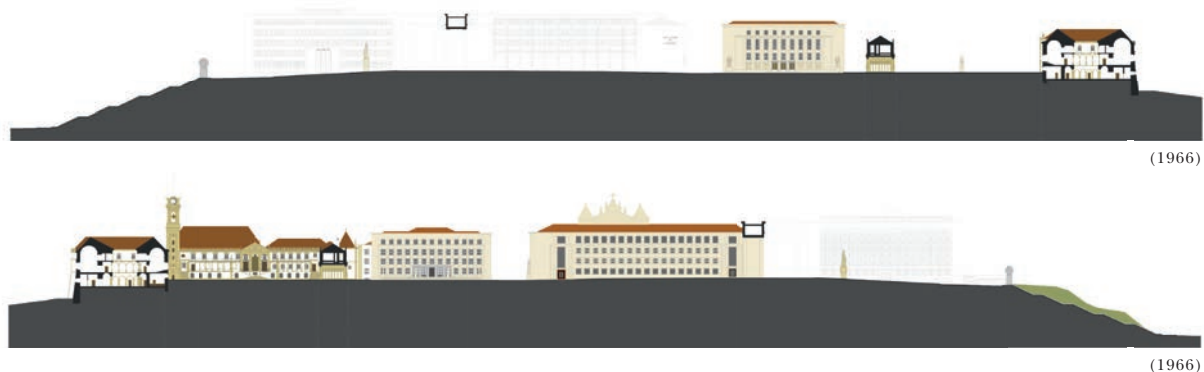
1932



1932

O conjunto de desenhos seguinte regista o projecto do Estado Novo para a alta universitária, numa versão datada de **1966**, período em que se encontravam já levantadas as novas Biblioteca Geral, Faculdade de Letras e Faculdade de Medicina e se pretendia prosseguir com a construção dos restantes edifícios de acordo com o plano gizado por Cottinelli Telmo na década de 1940, prosseguido por Cristino da Silva, a partir de 1949.

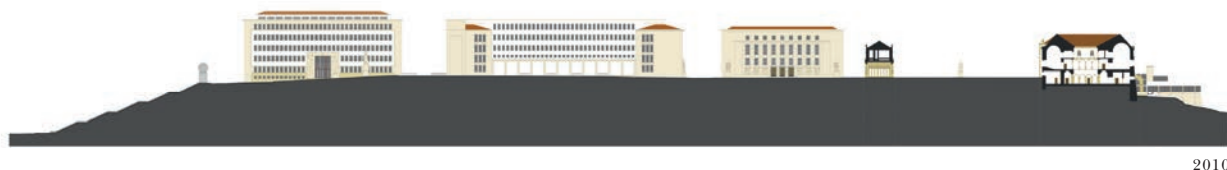
Este plano, que ordenou literalmente o derrube da antiga alta, assentou, precisamente, na reconstrução e monumentalização do eixo da Rua Larga, sobre o qual se assentariam todos os novos edifícios universitários. Apenas o antigo Paço das Escolas subsistiria, a poente. No extremo oposto da via, a nascente, e para além de um novo acesso à alta – as escadas monumentais – estava ainda prevista a conformação da pesada e seca Praça de D. Dinis com o pórtico ligando as Faculdades de Medicina e de Ciências e que introduzia a entrada na recriada Rua Larga. A um lado da praça previa-se o edifício da Matemática, que se realizou efectivamente nos anos seguintes. Do outro, frente a frente, previa-se o novo e gigantesco hospital universitário, na senda dos hospitais centrais de Lisboa (Santa Maria) e Porto (São João), e que implicaria a destruição total dos colégios de São Jerónimo e das Artes.



Para finalizar, faz-se corresponder um sexto momento evolutivo à **situação actual**, registando-se os edifícios do Estado Novo mais recentes (Matemática e Física-Química) tal qual como foram efectivamente realizados, dispensando o referido pórtico monumental sobre a entrada da Rua Larga. Tão pouco se concretizou o mencionado hospital, projectado pelo arquitecto alemão Distel. Sobraram os colégios de São Jerónimo e das Artes que escaparam, assim, a um fim anunciado.

Em jeito de conclusão, os desenhos aqui apresentados permitem reavivar a noção de vários aspectos. Desde logo a progressiva e cada vez maior presença da Universidade, ao longo dos tempos, na cidade alta. Uma presença que se iniciou com o edifício do estudo geral dionisino (em 1308), que tomou conta do antigo paço da alcáçova (a partir de 1537) e que se alastrou por toda a área envolvente (por meio dos colégios e das casas dos estudantes, funcionários e mestres) e que hoje se revela monumental no plano legado pelo Estado Novo que obliterou, em grande medida, os vestígios anteriores. O antigo Paço Real, que subsistiu embora sucessivamente alterado, foi outrora o maior edifício deste sector da cidade. Encontra-se actualmente abafado pela escala dos imensos blocos das faculdades. Salvou-se, apesar de tudo, a presença do seu perfil sobre a Almedina e sobre a cidade baixa que se estende para poente.

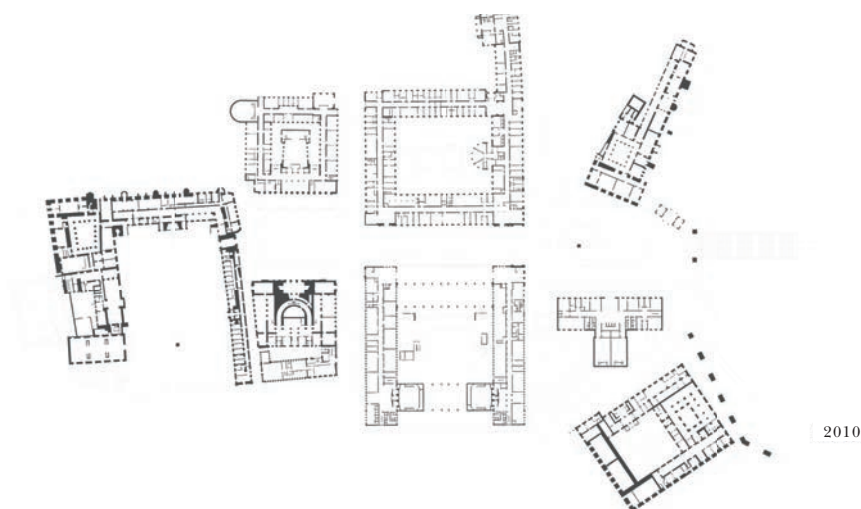
Uma última constatação prende-se com a monofuncionalização introduzida com a nova cidade universitária e que contrasta com o ambiente diversificado registado nos registos fotográficos dos anos 1930. Actualmente, a reintrodução de alguma variedade de funções própria de uma vivência urbana completa, 24 horas por dia, parece ser o maior desígnio a cumprir pela alta dos anos vindouros.



2010



2010



2010

#### Bibliografia:

54

Jorge Alarcão, *Coimbra: a montagem do cenário urbano*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2008.

Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra, *A Velha Alta desaparecida*, Coimbra, Almedina, 2ª edição, 1991.

António Filipe Pimentel, *A Morada da Sabedoria*, Coimbra, Almedina, 2005.

Nuno Rosmaninho, *O Poder da Arte. O Estado Novo e a Cidade Universitária de Coimbra*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2006.

Walter Rossa, *Diversidade. Urbanografia do espaço de Coimbra até ao estabelecimento da Universidade*, Coimbra, tese de doutoramento, 2001.

Rúben Vilas Boas, *A Rua Larga de Coimbra. Das origens à actualidade*, Coimbra, tese de mestrado, 2010.

\* Professor da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra

\*\* Mestre pelo Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra

Os autores agradecem ao Professor Arquitecto Alexandre Alves Costa a arguição pública e comentário crítico à dissertação.









# Temas

XIII Semana  
Cultural da  
Universidade de  
Coimbra

# Reinventar a Cidade

Eva Queiroz de Matos e Vasco Batista

O desafio foi lançado a Coimbra. *Cidade* foi entendida como conceito e outros centros usados como objecto. *Reinventar a Cidade* foi o tema proposto para a XIII Semana Cultural da Universidade de Coimbra (UC), que decorreu entre 1 e 6 de Março de 2011. As suas extensões são facilmente visíveis ao folhear o programa; as questões à cidade aguardam, agora, respostas de uma comunidade urbana que ocupa um espaço físico, seu.

O tema impõe redefinir, ou pelo menos repensar, o funcionamento, a produção, a organização da cidade. Da *universidade*. O termo faz alusão à dinâmica dicotómica que Coimbra vive. Por um lado, a marca universitária, com um forte peso na identificação da cidade, na sua caracterização, esta que muitas vezes peca por menosprezar a dimensão exterior ao centro do conhecimento. Paralelamente, o pulsar da cidade depende da contribuição de agentes culturais, de gentes com percursos cujas linhas orientadoras se arredam da UC, dos poderes locais. Realidades que nem sempre interagem.

A Reitoria da Universidade traça a agenda destes dias com a colaboração d' A Escola da Noite – Grupo de Teatro de Coimbra, que, pela segunda vez, é responsável pela programação externa, denominação ainda incómoda para alguns. *A criação artística n[est]a cidade* foi o nome escolhido pela companhia para os mais de 20 eventos fora do circuito universitário; foram perto de 100 as iniciativas na sua totalidade, ao somarem-se as propostas de Secções, Organismos Autónomos e Núcleos da Associação Académica de Coimbra (AAC) e dos diversos Departamentos, Faculdades e outras Unidades Orgânicas da UC.

Música, teatro, cinema, debates, colóquios, exposições, actividades desportivas, workshops, apresentações de publicações e experiências científicas fazem parte de um leque diversificado de opções. “A multiplicidade — funcional, social, cultural e espacial — é o atributo da cidade que mais frequentemente nos atrai”; são palavras de José António Bandeirinha, agora ex-Pró-Reitor para a Cultura, a propósito do tema que subjaz a esta semana, mas claramente adaptável a uma programação vasta e variada, para diferentes públicos, em diversos espaços, num horário alargado.

A representação coimbrã apenas não se reflecte num campo: a dança. Nele contámos com *Blanc d'Ombra. Recordant Camille Claudel*, uma criação da coreógrafa catalã Marta Carrasco, no dia de comemoração dos 721 anos da Universidade. Um espectáculo sobre a vida da escultora francesa que passou os seus últimos anos num hospício. Amores, ódios, frustrações e alegrias transmitidas através de jogos intensos com o corpo. Medos paranóicos que a dança aliada a objectos tão bem soube mostrar. Ora um trapézio, ora uma película envolvente, um grande manequim; a nudez, a sua contemplação, gemidos; luzes e cores intensas em brincadeiras com a banda sonora. Uma interpretação de Noemí Padró, no Teatro Académico de Gil Vicente.

Das reflexões, um destaque para dois momentos. *Percursos criativos numa cidade com memória* e *A criação artística em Coimbra: públicos, programação e equipamentos* foram motes para duas mesas-redondas, a acontecer no Teatro da Cerca de São Bernardo (TCSB), com a participação de actores da vida sócio-cultural conimbricense; impulsionadores, representantes institucionais, cidadãos – entendam-lhe ou não a redundância.

A produção cultural n[est]a cidade nos anos 1980 foi o ponto de partida para a discussão da arte em Coimbra. António Augusto Barros, director artístico d' A Escola da Noite, chamou-lhe de “revolução silenciosa”, considerando-a responsável pelo panorama actual. Muitas das iniciativas que atribuíram à cidade reconhecimentos já não vistos, foram, mesmo, ignoradas pela política autárquica da década subsequente. São exemplos disso as Semanas Internacionais de

Teatro Universitário, a revista Fenda, os Encontros de Fotografia ou a AAC com forte peso na criação artística. Os *outdoors* de divulgação da XIII Semana Cultural serviam à memória da cidade, que, por sua vez, servia ao seu embelezamento.

Os Encontros de Fotografia e o Círculo de Artes Plásticas de Coimbra foram lembrados em imagens expostas em grande dimensão. Uma simples viagem de automóvel podia ser transformada numa visita a exposições em movimento. Foi a cidade enquanto galeria.

Coimbra Capital Nacional do Teatro, em 1992, e Coimbra Capital Nacional da Cultura, em 2003, foram evocações que serviram à diferenciação do grau de pensamento sobre o que constituíram, o que construíram. A primeira, como considerou António Augusto Barros, terá deixado grandes marcas, ao passo que 11 anos depois, a cidade não reflectiu sobre si própria.

Agora, como fica a cidade? A comunidade universitária participou activamente numa semana que se pretende sua? A XIII Semana Cultural da UC marcou a agenda de outros pólos urbanos? São pontos controversos arrastados para mesas de café e que talvez mereçam a atenção nos contextos públicos mediáticos.



# Uma cidade (re)inventada nos palcos

Eva Queiroz de Matos e Vasco Batista

As abordagens de *Lab La Bla*, *Método Bosão de Higgs* e *Bichos e Seres Imaginários na Tradição Oral Portuguesa* – alguns dos espectáculos de teatro inseridos na XIII Semana Cultural da Universidade de Coimbra (UC) - propuseram o cruzamento do teatro com a ciência.

A primeira peça, da Marionet – Associação Cultural, chamou a poesia ao palco. A linguagem foi examinada minuciosamente. Uma mesma palavra pode ser apropriada pela ciência e pelo estilo poético através de processos de significação díspares. Na primeira, a exactidão; no segundo, a pluralidade. Mário Montenegro interpretou textos do imunologista e poeta checo Miroslav Holub, traduzidos por Manuel Portela.

Já tentaram que comprasse um produto falando-lhe de propriedades científicas fabulosas? Foi o que satirizou *Método Bosão de Higgs*, um texto de David Marçal, interpretado por Sara Paz. Na peça, vários cientistas são teletransportados para a cena: aparecem em vídeos que alternam com a acção teatral.

A Galeria de Zoologia do Museu da Ciência da UC acolheu o resultado do workshop “Bichos e Seres Imaginários na Tradição Oral Portuguesa”, do Grupo de Etnografia e Folclore da Académica de Coimbra, exemplo do que é, a partir da memória, criar novas abordagens, contemporâneas. O cenário não sugeria a cidade. A recriação do espaço serviu-se de caracterizações que aludem a outro contexto. Bichos selvagens, feitiçarias, poções – a ligação à natureza era explícita.

De outro organismo autónomo da Associação Académica de Coimbra surge *Divodignos – Escritos no Sangue*. Patrick Murys foi o encenador de uma peça pelo Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra (CITAC). A luz, o crepúsculo e a noite: duas horas no Jardim Botânico da UC escolhidas a dedo para garantir a presença e a participação nos três momentos. *Divodignos* era o nome de uma sociedade secreta, carbonária, constituída por estudantes universitários, que existiu em Coimbra, noutros tempos. Em 1828, dois lentes entregavam a D. Miguel uma lista de alunos a expulsar da UC. De 13 membros dos Divodignos, encarregados de os matar, nove acabam por ser executados. É o confronto ideológico entre liberalismo e absolutismo. A peça vive naquela mata: da terra, dos sons, da flora. Por outro lado, foi o fluxo migratório do leste europeu para Bruxelas no início do século XX que sensibilizou Zenel Laci, autor belga com ascendência albanesa, a escrever *Valência, princesa do mundo*. Um monólogo por Helena Faria, com encenação de José Geraldo, da Camaleão – Associação Cultural, na Casa das Artes. Oito pedaços de uma mulher. Uma prostituta que reflecte sobre a vida, as suas aventuras e desventuras, o seu lugar, num registo intenso que toca o chocante, mas assaz humano.

A viagem termina noutro ponto da cidade, residência d’ O Teatrão. À entrada, são os actores de *Single Singers Bar* que servem as bebidas. Num café-teatro (ou num cabaré dos anos 1930?), instalado na Tabacaria da Oficina Municipal do Teatro, tudo é propício ao ambiente que se pretende encenar. Uma peça em jeito de musical, marcada pela sinergia com o público. Cada tema, celebrizado pelo teatro musical norte-americano, dos anos 1920 à década de 1970, marca uma história de personagens solitárias às quais não falta sentido de humor. A encenação esteve a cargo de Dagoberto Feliz, da direcção da companhia brasileira Folias d’Arte, parceira d’ O Teatrão, que criou originalmente o espectáculo.



I am a former couch soccer player

*Divodignos – Escritos no Sangue, pelo CITAC*





# A cidade (re)vista

Eva Queiroz de Matos e Vasco Batista

A arquitectura, o design, a pintura e a fotografia moldaram os conceitos de cidade. Com diferentes propostas estéticas, as artes visuais e plásticas alargaram o escopo de análise e projecção e deambularam entre realidades díspares e continentes além-mar, deixando questões à deriva.

Diferentes perspectivas e ópticas sob um mesmo propósito. Cores de inúmeras matizes, grafismos mais ou menos geométricos, técnicas mais peculiares, a aspirar a irreverência. Uma arte multifacetada, a desconstruir conceitos, a evidenciar preocupações. No fundo, a suscitar o debate. A colocar em evidência diferentes preocupações comuns aos quotidianos urbanos, por vezes relegados da discussão no espaço público. A alertar para a tomada de consciência cívica *em* e, concomitantemente, *a* denunciar a crise, ou as crises, de vivência em comunidade.

Foi exactamente esse o objectivo do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra (CAPC), com a exposição *4 cidades*, o mesmo número de formas sob as quais os artistas – Vasco Mourão, Yonamine, Jorge Colombo, Inês Moura e Maura Grimaldi – olharam para o conceito. Carlos Antunes, presidente do CAPC, referiu, em jeito de exemplo: “Estive em Madrid, estava muito frio e chuva, e mesmo assim os espaços estavam apinhados de gente. Há prova mais evidente de uma paixão total de cidade?” Por cá - talvez seja excepção e não regra - afirma: “Esta forma total de viver em cidadania, de consciência cívica, de viver em partilha, é uma coisa que acontece pouco em Coimbra”.

Será que se está perante um processo social global no qual o individualismo assume um papel de relevo? Em Coimbra, sabe-se o que é ser cidadão? E se se for ao cerne da questão: o que significa o termo cidade, afinal? Não será o que os cidadãos fazem dela? Mais do que um espaço de lutas, de contradições sociais à volta de interesses e valores heterogéneos?

Muitas respostas poderão surgir. O Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia apresentou a exposição *Coimbra reinventada: visões urbanas para as margens do Mondego*, na qual é sugerida, por alunos e docentes, uma nova cidade, arrojada, com traços de modernidade, talvez mais cosmopolita, em que se denota, desde logo, a presença de projectos há muito ambicionados pela plêiade política da cidade, como seja o metro de superfície. Os alunos do segundo ano da licenciatura em Design e Multimédia, na exposição *Coimbra<sup>2</sup>*, reinventaram também a identidade. Logotipos e marcas gráficas são propostas que têm como base a personalidade coimbrã, a partir de elementos directamente a ela ligados, facilmente identificáveis, ou cuja relação se torna evidente com a revelação do pensamento do artista. Em suma, duas perspectivas ao serviço de um novo rosto para Coimbra, em que se não perde o tradicionalismo, que quase sempre lhe é associado.

“Deve ser visível ou invisível, invisível, visível ou ambos: um ver e um não ver no olhar”. A FBA e Ana Rosa Assunção apropriam-se das palavras de Wallace Stevens e expuseram os seus trabalhos –









uma exposição do atelier de design de comunicação e da responsável pelos figurinos d'A Escola da Noite. O Teatro da Cerca de São Bernardo mostra-se polivalente. De um lado, os esboços de Ana Rosa Assunção e a sua aplicação vista em fotografias das peças da companhia de teatro; do outro, as publicações, o património e as exposições com a marca do FBA. Ao centro, frases de autores célebres sobre o teatro e o design, o trabalho e o sonho que os atravessam.

Há debates que podem elucidar o que está fora do seu lugar, o que não se consegue desprender das forças letárgicas e da inércia que, por vezes, tendem a assombrar as cidades. Mas não entremos num debate maniqueísta. Fica a interpretação (e a insinuação). André Cepeda trouxe ao Centro de Artes Visuais (CAV) 2011, exposição fotográfica na qual quer despertar para a (in)comunicabilidade entre o corpo e os objectos que com ele coabitam. A tensão dará que pensar? O mesmo espaço acolhe *arquivo #0*: duas dezenas de fotografias e três vídeos de José Maças de Carvalho, que convidam ao encontro de relações (quem sabe, reinvenções?) entre a criação, em 20 anos de trabalho artístico.

A própria rua foi tomada para a contemplação. A Escola da Noite deu à cidade – agora numa acepção confinada ao espaço físico, público – um estatuto de espaço para a arte. A propósito da mesa-redonda *A criação artística em Coimbra: públicos, programação e equipamentos*, o director artístico da companhia, António Augusto Barros, chamava a atenção para o mobiliário urbano da cidade. Permite-se aos cidadãos que não participem por falta de conhecimento? O que é capaz de chamar novos públicos? Que estruturas existem em Coimbra para a divulgação da cultura? Foi a pensar nisso, e assumindo as limitações da cidade, que A Escola da Noite recuperou as faixas verticais publicitárias dos seus trabalhos – expostas durante essa semana ao longo da Avenida Sá da Bandeira. De início, era uma “questão de sobrevivência”; mais tarde tornou-se um carimbo da companhia.

A meio da avenida, a Casa das Artes da Fundação Bissaya Barreto também mereceu uma paragem. Sardine e Tobleroni são um duo de artistas plásticos que trabalham em Londres, Coimbra, Lugnez e Basel. O espaço acolheu *CrossBreeding*. As imagens expostas nas paredes – animais híbridos – puderam ser compradas a um preço simbólico; da instalação *Sardine & Tobleroni's God's BoomBox* fazem parte 60 mixtapes criadas por 60 pessoas prontas a ouvir. É a reconfiguração de um conceito: ver uma exposição e levar parte para casa; é ser parte envolvida na sua banda-sonora.

Já na Casa [da arte] da Escrita foi João Mendes Ribeiro que mostrou os seus projectos. Projectos *de e para* Coimbra. O arquitecto conimbricense propôs-se a *Reinventar (3) edifícios*. Foram eles a própria Casa da Escrita, o CAV e a Casa das Caldeiras, resultado de intervenções em 2003 e 2010, explicadas em plantas, maquetes e fotografias.

A arquitectura deu bastantes cartas. Com o baralho a lançar-se, ainda, sobre o Colégio das Artes. *No Place Like – 4 houses, 4 films* representou Portugal na 12.<sup>a</sup> Bienal de Arquitectura de Veneza, exposição internacional de arquitectura. Manuel e Francisco Aires Mateus, Ricardo Bak Gordon, João Luís Carrilho da Graça e Álvaro Siza Vieira são os autores dos projectos. A cada trabalho apresentado em maquete - casas, corresponde uma obra cinematográfica - curtas-metragens. Filipa César, João Onofre, Julião Sarmento e João Salaviza fccionam a relação daquelas com os contextos em que se inserem.

Será ainda possível visitar vários destes conteúdos expositivos. Prolongam-se no tempo da cidade. São narrativas que continuam à espera de leituras, não se encerrando nesta semana, ainda abertas ao público. Outras têm no âmago particularidades de Coimbra, por isso visíveis noutros contornos - nas suas componentes prática, activa, executada e na simplicidade dos objectos a partir dos quais se criaram, passíveis de reinterpretações.



# A cidade fez-se ouvir

Eva Queiroz de Matos e Vasco Batista

Os da cidade: Tédio Boys, The Parkinsons, Blood Safari, Garbage Catz, Ruby Ann & The Boopin' Boozers – Victor Torpedo, Pedro Serra, Carlos Mendes foram agitadores do rock de Coimbra; no passado, levaram-no além. Hoje, nos Tiguana Bibles, fazem-se acompanhar, ainda, por Augusto Cardoso e Tracy Vandal, inúmeras vezes retratada num papel de *femme fatale*. Uma voz doce numa imagem sensual. Emancipada. As largas janelas do Salão Brazil emprestaram-lhe o pano de fundo à silhueta negra. Todos estiveram envolvidos com *Child of the Moon*, o disco lançado em 2009, e outros temas que sugeriam o rock, o blues e o country. Tracy Vandal fez questão de, já quase no final, se misturar com o público; uma dança no centro da sala, em cima de uma mesa, junto a um pilar.

Também o Teatro da Cerca de São Bernardo (TCSB) se prestou à música, em dois momentos. JP Simões num registo intimista. Cliché? Não. O intimista, aqui, é Coimbra claramente representada. “Vim de metro”, disse ele. A ironia, a crítica e o humor estiveram presentes ao longo de cerca de uma hora e meia. Nas suas palavras, estragou a *Inquietação* de José Mário Branco, cantou Chico Buarque numa versão da versão da versão (...) de Beatles, passou pela sexualidade de Pessoa, pelo samba, por Gainsbourg, pela Canção de Coimbra, pôs Freud e Cavaco Silva em diálogo e acolheu nas cordas vocais toda uma secção de sopros. O à-vontade foi tão evidente que confessou apertos de bexiga. O público esperou, deu-se o típico encore, seguido de outro, e de outros - houvesse tempo -, pois as palmas continuavam a chamá-lo à cidade onde nasceu.

Quem também pisou o TCSB foi o violetista José Valente. Áustria, EUA, Eslovénia, Alemanha, Canadá e Portugal fazem parte de um percurso académico e profissional no jazz e na música contemporânea. Mais recentemente desenvolve um projecto intitulado *Experiences of Today*, em torno do conceito da improvisação. Apesar de o jazz estar na base dos seus estudos, a música que faz não obedece a conceitos formais de estilo. O álbum de estreia de José Valente and Experiences of Today, homónimo, conta com David Meier, na bateria, Matthew Berril, no clarinete, Rodrigo Parejo, na flauta e Yannick Peeters, no contra-baixo. Reinventar a atitude do artista? José Valente alia a concretização da actividade musical com a formação: neste momento, é doutorando em Arte Contemporânea no Colégio das Artes da Universidade de Coimbra (UC).

Também o cinema da cidade se fez ouvir. António Ferreira, cineasta sediado perto de Cernache - com a produtora Persona Non Grata Pictures – viu um ciclo dedicado à sua obra - cinco filmes em três sessões. Uma iniciativa prevista nos XVII Caminhos do Cinema Português foi levada agora a bom porto: *Respirar (Debaixo d'Água)* foi musicado ao vivo pela banda conimbricense A Jigsaw. A sua múltipla instrumentalidade adequou-se a uma curta-metragem filmada em Coimbra, em 2000. É a prova de projectos que podem reinventar o conceito de usufruto cultural, no que ao cinema diz respeito, que, de certo, não têm acolhimento nas salas em formato multiplex.

A XIII Semana Cultural da UC contou também com bodas de prata. A relação da cidade com a Rádio Universidade de Coimbra (RUC) comemorou 25 anos “a fazer amor”, alegam. Os suecos The Radio Dept. passaram da radiodifusão para o Teatro Académico de Gil Vicente. Foi a primeira vez que o trio pop pisou solo português.



A Canção de Coimbra não podia ficar de lado. Talvez nem sempre ligada ao reinventar d[est]a cidade, e da própria Canção, dado os seus alicerces na tradição, tanto o Coro Misto como a Tuna Académica da UC e os vários grupos da Secção de Fado da Associação Académica de Coimbra protagonizaram diversas iniciativas que fizeram parte do programa da semana cultural.

Nas primeiras quintas-feiras de cada mês, já a cidade se prepara para os recitais *Órgão +*, cujo objetivo se prende com a promoção do órgão da Capela de S. Miguel. A XIII Semana Cultural da UC acolheu, então, a edição de dia 3 de Março. No órgão esteve Edite Rocha, acompanhada de Lurdes Carneiro no fagote.

*Concerto para a Cidade* foi a oferenda final. A Orquestra Clássica do Centro escolheu um repertório exigente. A actuação contou com o solista Vladimir Omeltchenko, violinista de Ekaterinburg, Rússia, a residir em Portugal desde 1997.

José Valente, apesar de não ser natural de Coimbra, intervinha na mesa-redonda *A criação artística em Coimbra: públicos, programação e equipamentos*, a propósito da visibilidade concedida aos novos talentos. Criticou a imprensa, que, segundo o mesmo, apenas valoriza as obras quando sobem aos palcos da capital, quando as críticas não ecoam desta cidade. Reinventar a cidade passará por olhar para dentro dela. Para os sons que a caracterizam e que podem diferenciá-la. José António Bandeirinha dizia na apresentação do programa desta Semana Cultural que Coimbra não tinha intenções de se transformar numa metrópole, mas que a afirmação a que auguramos deveria passar pela cultura. “Cidade como entidade alternativa”, chamou-lhe. Coimbra é palco de criação. Urge dar espaço para que dela não se vão. E as hipóteses, essas, não se extinguem neste programa.





José Valente & The Experiences of Today no TCSB



*Milhares de estudantes formados pela Universidade de Coimbra, espalhados pelo País e pelo Mundo, nas mais diversas áreas da sociedade, reunidos agora na mesma Rede.*

Visite-nos em [www.uc.pt/antigos-estudantes](http://www.uc.pt/antigos-estudantes)

## Rede UC

Rede de Antigos Estudantes da Universidade de Coimbra  
Divisão de Identidade, Imagem e Comunicação  
Universidade de Coimbra  
Apartado 3020 • 3001-401 Coimbra  
[antigos-estudantes@uc.pt](mailto:antigos-estudantes@uc.pt)

A/C Eng. Isabel Gomes • Tlf: +351 239 857 018

REDE  
UC

REDE DE ANTIGOS ESTUDANTES  
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA



Ano Internacional da  
QUÍMICA  
2011



MUSEU DA CIÊNCIA  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

MARIA SKŁODOWSKA-CURIE

MADAME  
CURIE

27 DE ABRIL A 31 DE AGOSTO DE 2011

Museu da Ciência Laboratório Químico, Largo Marquês de Pombal  
3000-272 Coimbra T. +351 239 85 43 50 F. +351 239 85 43 59  
[www.museudaciencia.org](http://www.museudaciencia.org) | [geral@museudaciencia.org](mailto:geral@museudaciencia.org)

**Colaboração:** Museu de Ciência da Universidade de Lisboa;  
Departamento de Química da Universidade do Minho;  
Departamento de Ciências da Terra, FCTUC; Instituto de Ciências  
Nucleares Aplicadas à Saúde; Embaixada da Polónia;  
Embaixada de França; Arquivos da Academia Polaca das Ciências;  
Museu Maria Skłodowska-Curie de Varsóvia; Musée Curie, Paris

ASSINATURA ANUAL DA REVISTA RUA LARGA (4 números)\*: Estudantes e Antigos Estudantes da UC: 25€ • Outros: 30€ • Avulso (cada número): 7€(IVA incluído) • Números Anteriores: 7€

Ao assinar a Rua Larga através das Tipologias Adicionais de Relacionamento com a Universidade de Coimbra, para além dos quatro números da revista pode também ter acesso a uma série de benefícios e descontos que a Rede UC lhe proporciona:

**T2:** Esta Tipologia possibilita aos seus aderentes apoio em áreas diversas, tais como na obtenção de contactos no seio da Rede UC, no recrutamento, ou no acesso a formação pós-graduada. 35€/ano

**T3:** Permitindo uma maior proximidade no relacionamento com a Universidade de Coimbra, a esta Tipologia acresce a possibilidade de participação directa nas iniciativas oficiais da Universidade, e de apoio personalizado ao estabelecimento de parcerias e colaborações. 60€/ano

Assinaturas através da Rede UC [www.uc.pt/antigos-estudantes](http://www.uc.pt/antigos-estudantes), ou pela Internet em [www.uc.pt/rualarga](http://www.uc.pt/rualarga).

Os preços incluem IVA, e portes de correio nacionais.

\* A assinatura pode ter lugar em qualquer altura do ano, passando a anuidade a contar a partir desse momento, independentemente do ano civil.

## NOVAS TIPOLOGIAS DE RELACIONAMENTO COM A UNIVERSIDADE DE COIMBRA

A Universidade de Coimbra promove, dinamiza e apoia o estabelecimento de relações, projectos e parcerias com o mundo exterior, contribuindo para a aproximação e aprendizagem recíprocas.

Nesse sentido, encontram-se definidas diferentes formas de relacionamento, incluindo a utilização de marcas próprias, onde se incluem as seguintes:

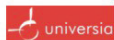


**Parceiro:** As entidades Parceiras ligam-se umbilicalmente à Universidade de Coimbra através de uma relação mutuamente aprofundada, desenvolvendo em conjunto projectos diversificados, de dimensão e impacto significativos.



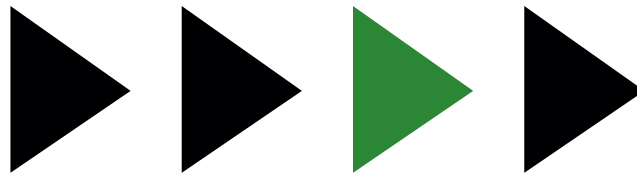
**Aliado:** As entidades Aliadas assumem uma relação de proximidade com a Universidade de Coimbra, que as apoia e acompanha em diferentes iniciativas e na resolução de problemas específicos.

Mais informações em [www.uc.pt/gats](http://www.uc.pt/gats)



# CONGRESSO

NACIONAL DE HISTÓRIA E CIÊNCIA POLÍTICA



# OUTRAS

# VOZES

na República

1910 - 1926

Figueira da Foz 12 e 13 de Maio de 2011 – Casino Figueira

<http://outrasvozesnarepublica.wordpress.com>